



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PRISCILA MAYARA SANTOS DANTAS

**(RE)CONSTRUINDO SUJEITOS, (RE)TELHANDO ESPAÇOS:
EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE MULHERES NA CIDADE DE NOVA
PALMEIRA-PB (1985-1995)**

CAMPINA GRANDE – PB

JULHO, 2014

PRISCILA MAYARA SANTOS DANTAS

**(RE)CONSTRUINDO SUJEITOS, (RE)TELHANDO ESPAÇOS:
EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE MULHERES NA CIDADE DE NOVA
PALMEIRA-PB (1985-1995)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Cipriano

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D192r Dantas, Priscila Mayara Santos.
(Re)construindo sujeitos, (re)telhando espaços [manuscrito] :
experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira-
PB (1985-1995) / Priscila Mayara Santos Dantas. - 2014.
63 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano,
Departamento de História".

1. Movimento feminista. 2. Mulheres. 3. Feminismo. I.
Título.

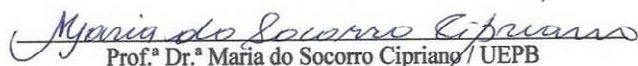
21. ed. CDD 305.4

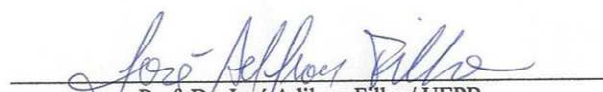
PRISCILA MAYARA SANTOS DANTAS

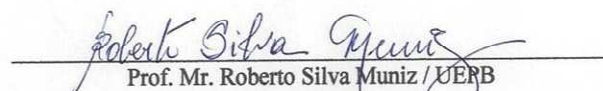
**(RE)CONSTRUINDO SUJEITOS, (RE)TELHANDO ESPAÇOS:
EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE MULHERES NA CIDADE DE NOVA
PALMEIRA-PB (1985-1995)**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de graduada.

aprovada em 30/07/2014.


Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Cipriano / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. José Adilson Filho / UEPB
Examinador


Prof. Mr. Roberto Silva Muniz / UEPB
Examinador

*À minha mãe e professora Maria do Livramento,
conhecida como Prof. Leuzinha (in memoriam), por
sua trajetória de vida ter sido um dos fatores que me
levaram a História e por, nos meus momentos de
dedicação a este trabalho, fez-se presente em cheiros
e espírito.*

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, *Francisco de Assis*, pelo amor e confiança depositados não só na minha escolha pelo curso de História, mas pelo apoio durante toda minha trajetória até a conclusão deste trabalho.

Às minhas irmãs, *Débora e Lissandra*, pelo apoio cotidiano, pelas conversas descontraídas em dias exaustivos, por sustentar meus fracassos e sorrir com minhas alegrias.

À minha avó paterna, *Efigênia Rosa Dantas*, que colaborou na minha caminhada “longe de casa” com batatas, torradas e sorrisos. Pelas orações em intenção dos meus projetos e por se manter sempre de braços abertos para minha chegada.

À *Nega Lourdes*, por compor na minha vida e na minha educação um espaço indescritível de estímulo e amor e por ser fruto de inspiração para este trabalho.

À minha amiga/professora/orientadora, *Socorro Cipriano*, por acreditar e confiar no meu trabalho, pelos direcionamentos teóricos e práticos sobre História e sobre a vida/escolhas, no qual permitiu a elaboração deste trabalho e a propensão para futuros.

Aos meus *amigos* (“novos” e “antigos”), que seguiram comigo nessa jornada sem permitir faltar diversão e alegria. Em especial a *JerfersonJoyly*, que, sem dúvidas, se pôs como luz pioneira nos meus projetos, a *Felipe Aires*, um presente que a História me deu, na qual construímos laços amigáveis e “herméticos”, e a *Germano Maciel*, que se disponibilizou para contribuir na organização do mesmo.

Aos membros da banca, professores *Roberto Muniz e José Adilson*, pelo tempo disponibilizado a leitura, aceitação e colaboração a este trabalho.

Às mulheres *palmeirenses*, que fizeram parte dessa História, pelas narrativas proporcionadas, pelas lutas travadas dia a pós dia, pelas transformações gestadas na sociedade nova palmeirense e, principalmente, por me permitir interpretá-las.

À *todos* que passaram por minha vida até esse momento. Este trabalho tem um pouco de mim como tem um pouco de cada um de vocês. Encontrem-se nele!

*"Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade da alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou."*

(Adélia Prado. Com licença poética. In: Bagagem, Rio de Janeiro, 1986. Citado por
Carla Cristina Garcia, in: Breve História do Feminismo, 2011, p. 113)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo historicizar as experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira, entre 1985 a 1995, intencionando apreender quais transformações se gestaram ao longo dessa atuação e quais espaços de poder foram se “edificando” nesse percurso, uma vez que nos deparamos, dentro do recorte temporal estabelecido, com a constituição de um movimento sindical direto, com a formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e com a fundação do Centro de Educação Popular – CENEP (organização não-governamental), enquanto espaços direcionados por elas. O mapeamento das práticas femininas em consonância com as entrevistas realizadas com quatro mulheres (Tedinha, Mocinha, Marizinha e Nega Lourdes), das quais nos propusemos apresentar com evidência, permitiu tecermos uma história ainda não contada pela historiografia. Além das entrevistas, analisamos outras fontes: revisão bibliográfica sobre o tema, a coleta e análise de documentos oficiais e não-oficiais, fotografias, correspondências, cadernos particulares, pesquisados nas várias entidades institucionais da cidade, como STR, o CENEP, o SIMPUC, a Câmara de Vereadores, a Prefeitura, o PT. As contribuições de análise sobre o cotidiano, tecidas por Michel de Certeau, nos foram fundamentais para percebermos as práticas realizadas cotidianamente por essas mulheres ao longo do tempo, bem como os conceitos de *experiência* e *consciência de classe* de Edward Thompson, que nos possibilitou apreender os movimentos e percepções sobre organização e luta por parte dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento. Mulheres. Práticas.

ABSTRACT

This paper aims to historicize the experiences and practices of women in the city of Nova Palmeira, between 1985 and 1995, intending to seize transformations that began over this period and display what places of power were being built in this path, since we confront, inside the time frame, with the establishment of a direct trade union movement, with the formation of the Labour Party (PT) and the founding of the Center for Popular Education - CENEP (nongovernmental organization), while areas directed by them. The mapping of practices and discourses made by those women together with the collection of interviews with four other women (Tedinha, Mocinha, Marizinha and Nega Lourdes), which we proposed to present in evidence, allowed us to weave a story yet untold by Historiography. The possibility of using these exercises came from the bibliographic review on the subject, with the collection and analysis of documents (official and unofficial, photographs, correspondence, notebooks private), researched at the various institutional bodies of the city, such as STR, the CENEP the SIMPUC, the City Council, City Hall, PT. The contributions of analysis about everyday life, woven by Michel de Certeau, were the key to realize the daily practices performed by these women through out the time as well as the concepts of experience and class consciousness of Edward Thompson, which enabled us to grasp movements and perceptions of organization and struggle by those same women.

KEYWORDS: Movement. Women.Practices.

Lista de abreviaturas e siglas

ANCAR – Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural, atualmente EMATER.

APIBIMI Onlus – Associazione Promozione Infanzia Bisognos del Mondo Impoverito.

ALN – Aliança Libertadora Nacional.

CENEP – Centro de Educação Popular.

CEB – Comunidade Eclesial de Base.

CENTRAC – Centro de Ação Cultural.

Clube 4-S – Saber, Sentir, Saúde, Servir.

CMS – Conselho Municipal de Saúde.

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

FHC – Fernando Henrique Cardoso.

KAP Programe – Programa de Pequenos Projetos da Embaixada.

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

ONG – Organização não governamental.

PCB – Partido Comunista do Brasil.

PE – Estado do Pernambuco.

PB – Estado da Paraíba.

PT – Partido dos Trabalhadores.

SAR – Serviço de Assistência Rural.

Sebrae – Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas da Paraíba.

SIMPUC – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais do Curimataú.

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

SUS – Sistema Único de Saúde.

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo I – Espaço de escritas, mulheres de ação	18
1.1 Do encantamento das palavras: uma educação feminina	22
1.2 Da oração à ação	27
Capítulo II – De(marcando) espaços, re(fazendo) lutas, im(plantando) partido	32
2.1 O movimento	34
2.2 Uma esquerda e um partido: a presença feminina	39
Capítulo III – Calçando sonhos, edificando projetos	44
3.1 CENEP: uma cartografia possível	46
3.1.1 Sindicalismo	48
3.1.2 Educação.....	51
3.1.3 Saúde	53
Conclusão	57
Fontes.....	58
Referências	61

INTRODUÇÃO



Imagem 1 - Retrato do “Encontro de Mulher”, ocorrido no Centro de Educação Popular (CENEP), com o apoio da Escola Estadual de 1º Grau Antônio Coelho Dantas, na cidade de Nova Palmeira-PB, em 10 de março de 1991 (FONTE: Acervo fotográfico do CENEP).

A fotografia¹ acima bem poderia representar um mero momento de lazer e de descontração vivenciado por um grupo de mulheres qualquer, em algumas de suas muitas corriqueiras atividades de lazer e/ou datas comemorativas escolares. Mas do que nos fala esse olhar da mulher que toca o seu instrumento? Quem é ela? Quem são elas? Que histórias se entrelaçam nesta imagem?

Se não fosse pelo cartaz ao fundo, no qual aparece o slogan “Mulher, te organiza e vai à luta”, talvez essa fotografia não tivesse nenhuma importância para a História, posto que não se trata de grandes líderes feminista no cenário nacional; a fotografia também poderia não ter nenhuma importância para esta aprendiz de historiadora, se não trouxesse à cena um fragmento de *outras histórias*, que tratam de iniciativas e ações aguerridas de um grupo de mulheres que vivenciaram experiências singulares numa pequena cidade do interior da Paraíba e que não se conformando com suas precárias condições sociais, de suas famílias e de suas comunidades, se lançaram pelos áridos caminhos da política.

¹ Segundo Eduardo Paiva (2006), a fonte iconográfica contribui no sentido de melhorar nossa compreensão sobre o objeto estudado. São imagens construídas e por isso podem ser manipuladas, mas associadas a outros registros de um determinado momento nos servem de certidões visuais. São plenas de representações do vivido no tempo e no espaço. Ao utilizarmos esta fonte, precisamos reinterpretá-la, criticá-la sem tomá-la como verdade, pois é lacunar, silenciosa e impregnada de intencionalidades.

É como um olhar mais curioso e entendendo que esta imagem apenas captura o instante, o fragmento congelado de uma história que ainda está por ser contada, que tento pensar sobre este e outros registros analisados², neste trabalho. Registros que se tornam emblemáticos no sentido de demarcar intenções de "luta", de "organização" e de "ação" por parte das mulheres envolvidas; são registros vistos aqui como reveladores de um enredo oculto, à espera de um olhar em forma de problemática histórica, pronto para ser investigado e tornado público, alargando e se agregando a uma historiografia ainda frágil de narrativas peculiares e de sujeitos (in)comuns.

A mulher que toca é a funcionária pública Fátima de Lé (como era conhecida), apenas uma das muitas participantes que fazem parte das atividades comemorativas do *Dia da mulher*, apoiados pelo Centro de Educação Popular – CENEP, em 1991³. Era a partir de eventos como estes que a ONG estabelecia relações de proximidade com a comunidade. Estrategicamente tratava de questões mais amplas ligadas à condição feminina na cidade e em suas comunidades. Desta forma, outras indagações podem ser apontada aqui: como as reivindicações de um pequeno grupo de mulheres acabaram por possibilitar as lutas por questões políticas mais amplas na cidade de Nona Palmeira? E, como foi possível, entre 1985 a 1995, um entrelaçamento de suas histórias com as da formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e a fundação de uma expressiva ONG (Centro de Educação Popular – CENEP), que veio possibilitar a criação de espaços de poder, especialmente, voltados para as questões do âmbito feminino?

A historiografia paraibana sobre movimentos sociais que inscrevem as mulheres como protagonistas estão, ainda, permeadas por enredos particulares, análises e discursos individualizados centrados em figuras como Elisabeth Teixeira, Margarida Maria Alves, Maria da Penha Silva. Apesar da importância dessas histórias, no sentido de apontar para um enorme avanço na historiografia⁴ acerca da participação feminina no

² Além das fotografias, analisamos produções artísticas como músicas, poemas, paródias, versos escritas por mulheres, bem como relatórios de atividades, de encontros, de reuniões e palestras, abaixo-assinados, cartilhas, peças de teatro, documentos de fundação, correspondências, ofícios do Centro de Educação Popular (CENEP), atas, livro de registros, fichas de filiação do STR, documentos do Partido dos Trabalhadores (fichas de filiação, ata de fundação, ofícios), bem como documentos pessoais, tais como anotações, poesias, livros. Esse conjunto de material somado as entrevistas (fonte oral) realizadas, constituem nossos objetos de verificação.

³ As informações foram extraídas do Relatório de Atividades do CENEP (Nova Palmeira-PB, 10 de março de 1991), bem como das poesias e cantos produzidos para o evento.

⁴ “Medo da morte: esperança de vida: A história das Ligas Camponesas a Paraíba”, dissertação de Maria do Socorro Rangel (2000), sobre as Ligas Camponesas na Paraíba, trazendo enquanto sujeitos de análise a participação de Elisabeth Teixeira e Margarida Maria Alves nos movimentos. A tese de Ana Paula Romão, “Paraíba, mulher-macho: (dessa) fios da história (Paraíba, século XX)”, (2010), sobre a construção da

cenário paraibano e nacional, ainda percebe-se uma carência de narrativas comuns, de práticas peculiares e mobilizações de cunho esquerdistas que se estenderam a outros territórios na Paraíba.

Dialogando com as discussões já promovidas em torno da temática na Paraíba, nosso trabalho visa apreender as experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira, entre 1985 a 1995, intencionando compreender quais mudanças se gestaram ao longo dessa atuação e quais espaços de poder foram se “edificando” nesse percurso, uma vez que nos deparamos com o CENEP (Centro de Educação Popular), uma entidade sem fins lucrativos, tomado como lugar de reunião de ideais e lutas protagonizadas por mulheres.

Perseguindo caminhos possíveis, nota-se que no Brasil, os *movimentos sociais contemporâneos* têm sua história marcada pelos grandes embates realizados contra os governos autoritários, sobretudo ainda nas lutas pela liberdade e democracia. Nos anos 90 se constatou o não diálogo do governo com os movimentos sociais tendo em vista sua ligação elitista com as políticas internacionais capitalistas. O país estava no ápice do neoliberalismo, berço das reivindicações do governo FHC, onde o sucateamento do aparelho estatal era algo real e efetivo, na qual o desrespeito a todos os trabalhadores brasileiros, entre eles mulheres e homens, desvelava a corrupção e fragilidade do sistema democrático vivido (GOHN, 2012).

Segundo Maria Gohn (2012), quando falamos nesses “novos” movimentos de cunho contestador estamos nos referindo a grupos que se organizam a partir de questões não apenas econômicas, mas especialmente culturais. Há nesse período um desdobramento de focos de luta, com conflitos sociais mais específicos, privilegiando outros espaços, tais como movimento étnico, ecológico, indígena, feminino, dentre outros, se colocam como batalhas das minorias, mas que acometeram, e continuam a acometer, mudanças na estrutura política, econômica e social de um sistema.

Na Paraíba, durante as primeiras décadas do século XX, os movimentos sociais eram frágeis, ligados tanto ao Estado quanto a Igreja Católica. A industrialização era muito pouca. Éramos um Estado atrasado economicamente e na política continuávamos oligárquicos e autoritários, com práticas assistencialistas e clientelistas para o controle eleitoral. Porém, mesmo diante desse rígido controle sobre os trabalhadores do campo e outros grupos sociais, reações existiram.

imagem feminina paraíba, que nos proporcionando refletir sobre os espaços e discursos tecidos sobre a mulher no Estado paraibano.

Nas décadas de 50 e 60 assistiu-se uma forte mobilização no campo, conhecida por Ligas Camponesas, principalmente na região do Brejo Paraibano, inclusive, tendo mulheres como líderes⁵, bem como ações promovidas por grupos estudantis. Nos anos 70 tivemos como destaque a luta pela anistia, onde a sociedade civil teve participação através de operários, mulheres e estudantes. Nos anos 80 viu-se o fortalecimento de grupos esquerdistas com a formação do Partido dos Trabalhadores, tanto a nível nacional como estadual (NUNES, 2003).

Como citamos anteriormente, há, ainda, uma historiografia sobre movimentos sociais de mulheres na Paraíba muito centrada em personagens particulares, individuais, marcando uma ausência de leituras e escritas no campo da história que falem de outros personagens, pessoas comuns, neste caso, mulheres do cotidiano, que foram lutar por melhores condições sociais e espaço na sociedade, a exemplo de Mocinha, Tedinha, Marizinha e Nega Lourdes, que afirmam ter relegado seus lares e famílias para se enveredarem pelas “lutas na política” - conforme se referem. Daí nosso olhar direcionado para uma história que não só conta às batalhas de quatro professoras, mas de várias outras “mulheres”, entre elas a agricultora, a evangelizadora, a compositora, a estudante, a mãe, a líder que em um pequeno município do interior do Estado paraibano conseguiu contribuir para transformar a face de um lugar onde fome e sede eram tidas como condições “naturais” ou já faziam parte do repertório dos discursos de muitos líderes políticos da época, que apenas usavam o tema das catástrofes naturais como bandeira partidária.

Nesse sentido, dialogamos com um referencial bibliográfico sobre o tema, em especial com as produções sobre a Paraíba e sobre própria Nova Palmeira. O trabalho de dissertação de Charliton José dos Santos Machado (1997), intitulado **A política de cara nova(?): estudo acerca da atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB**, é interessante no sentido de nos proporcionar conhecer outras fontes importantes, como reportagens em jornais, bem como “oferta” discussões sobre movimentos sociais e atuação de mulheres na política. Entretanto, se distancia do nosso trabalho à medida que tratamos não das mulheres palmeirenses atuantes na política de maneira geral, mas mulheres que fizeram oposição aos líderes políticos de direita, registrando confrontos com os poderes públicos e por isso efetivaram transformações não enquanto esposas de políticos, como o autor analisa, mas como personagens que trabalharam a partir de

⁵ No Brejo Paraibano eram os nomes de Elisabeth Lobo e Maria da Penha Silva que mais se destacavam enquanto líderes do movimento das Ligas Camponesas na Paraíba.

outros lugares de poder, como o movimento de oposição sindical no STR, por meio do Partido dos Trabalhadores (PT), e pelo próprio CENEP, delimitando atuações não só a nível local, mas se articulando a outras localidades como as cidades de Soledade, Cubati, Pedra Lavra, Nova Floresta e Picuí.

Trabalhos como o de Maria do Socorro Rangel (2000) sobre a história das Ligas Camponesas na Paraíba ocorridas no território do Brejo paraibano, reportando as tramas e lutas que lá se teceram em benefícios dos camponeses, nos permite identificar práticas semelhantes tecidas em Nova Palmeira, que também permitiram a constituição de transformações sociais; as discussões promovidas por Eltern Campina Vale (2008) em sua dissertação sobre movimento operário na cidade de Rio Tinto, cidade localizada na região metropolitana de João Pessoa, capital do Estado, que se articulam a este trabalho a medida que trata da atuação operária frente a um movimento de luta por melhorias na qualidade de trabalho e de vida; as análises tecidas por Paulo Giovani Nunes (2003), em seu trabalho de doutoramento, sobre a construção e trajetória política do PT na Paraíba; As teses de Ana Paula Romão (2010) sobre Margarida Maria Alves e de Alômia Abrantes (2008) sobre a representação discursiva em torno da figura feminina paraibana, somam enquanto contribuições teóricas, metodológicas e informativas não apenas voltada aos territórios em específico, mas trazendo aparatos mais gerais, contextualizando a temática a nível nacional e de mundo.

Em consonância a essa revisão literária, analisamos as atas de eleição, relatórios de encontro, pautas de reuniões do STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) do município, vislumbrando apreender as ações e participação das mulheres nos programas que envolviam o órgão, pensando como e quando as mesmas atuaram este campo e até que ponto foram inseridas nesse sistema, atentando para o fato de serem documentos produzidos por trabalhadores; Atas de eleição, relatórios de assembleias, pautas de sessões semanais da Câmara Municipal, com vista a mapear datas e informações eleitorais na qual mulheres concorreram a cargos públicos, bem como a atuação das mesmas na esfera política; Ofícios, fotografias, registros de oficinas, cursos e palestras, atas de reunião, de fundação e de reconhecimento, panfletos do Centro de Educação Popular (CENEP), buscando tear um limiar de informações e práticas femininas a partir dos movimentos proporcionados pela ONG, demarcando registros de ações de mulheres antes e depois de sua fundação⁶; Listas de filiação, atas de reunião e de fundação do

⁶ O mapeamento e compreensão da operacionalização do Centro de Educação Popular nos permite listar uma série de singularidades de mulheres com anseios diferentes, com sensibilidades diversificadas, uma

Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade, atentando para os desdobramentos tecidos para que fosse possível a viabilidade da fundação do partido na cidade, tendo em vista serem as mulheres pioneira desse movimento.

Enquanto referencial teórico e metodológico Michel de Certeau, através de sua dimensão cultural de análise sobre o cotidiano, nos permitiu visualizar sujeitos comuns que fizeram de suas práticas cotidianas, *espaços* e *lugares*⁷ de sobrevivência, ora rompendo com as ordens estabelecidas, ora aproveitando oportunidades para burlar os papéis a eles destinados.

Edward Thompson, a partir de sua percepção sobre mulheres e homens comuns, compreendidos a partir dos conceitos de *experiência* e *consciência de classe*, também nos possibilitou visualizar atuações e discursos que se fizeram mudanças na cidade de Nova Palmeira, à medida que a reunião de ideias e percepções de mundo ia se aglutinando, se constituindo em um ideal de sociedade comum entre todos aqueles que participaram dos movimentos sociais.

O trabalho encaminha-se por três capítulos. O primeiro, voltado para o mapeamento de experiências acometidas por essas mulheres, intenciona contextualizar o espaço social na qual as práticas incidiram. No segundo capítulo nos dedicamos às ações e atuações de cunho esquerdistas, protagonizadas pelas mesmas, a partir do movimento sindical, e pelo PT, fundado na cidade nos anos 90. No último e terceiro capítulo, “construímos” uma cartografia dos trabalhos realizados por elas a partir do CENEP, tentando percebê-lo enquanto resultado das experiências e práticas acometidas anteriormente. Análises e discussões que nos permitiram, ao final, conhecer a participação social e política de mulheres que emergiam em outros lugares e tempos na Paraíba.

vez que se vê na tessitura do cotidiano da ONG uma variedade de atividades voltadas para o bem estar da comunidade carente.

⁷ A ideia de *lugar* para Michel de Certeau seria a configuração instantânea de posições e relações de um ser próprio e estável, suscetível a mutações colocadas pelo tempo, ao passo que *espaço* é visto como concentração de operações nas quais as coisas acontecem, ou seja, o lugar onde a prática se organiza. (CERTEAU, 2008)

CAPÍTULO I

ESPAÇO DE ESCRITAS, MULHERES DE AÇÃO



Imagem II – Mapa da Paraíba; em destaque o município de Nova Palmeira (Fonte: IBGE).

A cidade de Nova Palmeira fica localizada na microrregião do Seridó Oriental Paraibano. Sua população atual é de 4.361 hab., distribuída em uma área de 310,352 km². Seu bioma é a caatinga, o clima é tropical chuvoso com verão seco. Sua economia acontece em torno, especialmente, da agricultura de subsistência. Limita-se ao norte com os municípios de Picuí, Pedra Lavrada, Parelhas (RN) e Carnaúba dos Dantas (RN)⁸.

Antes de se tornar cidade, o povoado era conhecido como Riacho do Jerimum, sendo elevada a categoria de município através da lei municipal nº 3102 de 14 de dezembro de 1963. A cidade se destaca pelos aspectos culturais e educacionais, uma vez que possui mais de 100 jovens nas universidades e desenvolve muitos trabalhos no campo das artes.

Além disso, tem sua história marcada por mulheres atuantes, que deixaram seus traços nas artes, na religião, na educação e em outros espaços sociais. Mulheres que buscavam expressar seus desejos, insatisfações e sentimentos através das suas *mil formas de fazer e saber*⁹, como nos demonstram os versos abaixo, escritos pela agricultora Luiza Marques (Mocinha):

⁸ Fonte: IBGE, 2013.

⁹ Para Michel de Certeau (2008) as “maneiras de fazer” estão ligadas ao consumo, visto como atos astuciosos, que acontecem de forma dispersa, “silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com

Vamos irmãs de luta,
Trabalhar com dignidade
E neste mundo sofrido,
Construir fraternidade
E trabalhando unidos
Ter um mundo de igualdade.

Termino pedindo desculpa
Desses humildes versos meus
Se não fiz eles perfeitos
Mas muito me esforcei
E com toda imperfeição
Eu dedico a vocês.
(MARQUES, 1991)

Os versos foram escritos para o *Encontro de Mulher*, em 10 de março de 1991, ocorrido na cidade. Esse tipo de produção era comum e demarca uma característica diferente dessa prática feminina palmeirense: o uso da escrita (cartas, músicas, versos, rimas, poemas) para mobilizar através de suas ideias e iniciar atividades. Dessa forma, algumas mulheres, entre elas Nega Lourdes, Marizinha, Tedinha e Mocinha se engajaram em lutas cotidianas por melhorias de vida e demarcaram espaços de atuações, especialmente no campo da política, encabeçando e difundindo seus protestos face às autoridades da referida cidade.

Entre os anos de 1960 e 1970, conforme a documentação pesquisada¹⁰, grupos ligados à Igreja e a sociedade civil, compostos em sua maioria por professoras, mães, agricultoras e jovens estudantes, se organizam em Nova Palmeira para tentar minar alguns dos problemas que afligiam o cotidiano: baixos salários, desemprego, péssima atenção à saúde e a educação¹¹, mas que era visto por elas como um sintoma da má administração e endurecimento dos líderes políticos de então; os agricultores eram mal assistidos e as mulheres que trabalhavam na agricultura não tinham direitos reconhecidos. Tal situação repercutia em uma péssima alimentação, o que tornava as

produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (p. 39). Essas “maneiras de fazer” formam “mil práticas” pelas quais os “usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural” (p. 41) e estabelecem outras formas de consumir o que possuem e o que sabem, tecendo no cotidiano práticas particulares.

¹⁰Fotografias extraídas nos blogs sobre a cidade; atas de reunião da Câmara Municipal e do STR; relatórios de atividades, de encontros e de seminários, projetos, correspondências, ofícios, abaixo-assinados, produções artísticas (poemas, músicas, paródias, contos, versos) encontrados no acervo documental do Centro de Educação Popular – CENEP, e nos documentos de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), do município.

¹¹No âmbito nacional, durante o período do “milagre econômico” (1968-1973), segundo Gohn (2012), se visualizada um contexto de forte repressão pela Ditadura Militar, onde os maiores investimentos estavam nos grandes empresários e multinacionais que se instalavam no Brasil a partir do acelerado avanço do capitalismo. À medida que reforçava a entrada de grandes empresas no país, “as massas populares em geral sofriam com o arrocho salarial” (107). Ao longo dos anos 70 uma forte crise econômica se instaura e fortalecendo as carentes vivenciadas pela população pobre.

pessoas mais suscetíveis a doenças, problema agravado pela precária assistência à saúde.

Diante dessa realidade, as mulheres se organizaram e com seu olhar sensível às necessidades sociais¹², contribuía no sentido de minimizar os efeitos resultantes da precária econômica, e um dos meios foi através da educação. Os resultados desta investida podem ser percebidos através do censo de 1991, na qual Nova Palmeira encontrava-se com mais de 50% de sua população alfabetizada acima dos cinco anos de idade, uma das poucas cidades da região a atingir essa escala.

As ações começam quando as professoras passam a inserir nas aulas outras formas de aprendizagem, não apenas a partir de conteúdos paradidáticos, mas exercícios que os condicionassem conhecimentos e técnicas para melhorar sua qualidade de vida, a exemplo do repasse de técnicas agrícolas, propiciando ao estudante práticas de cultivar alimentos saudáveis e diversificados em seu próprio território.

Dessa forma surge o *Clube 4-S*¹³ como resultado dessa busca por melhorias para a comunidade. As professoras durante os cursos pedagógicos que iam fazer em outras comunidades acabavam entrando em contato com novas ideias. Dessa forma, o 4S foi formado em Nova Palmeira a partir dessas relações externas, trazendo o slogan “Saber, Sentir, Saúde e Servir”. Foi a partir dele, no final dos anos 60 na cidade, que a atuação das mulheres na vida da população foi se tornando cada vez mais efetiva.

Embora o projeto do clube tenha sido destinado às comunidades rurais, a organização não deixou de ter ação da zona urbana, ele se adaptou a realidade fragilizada que passava o município, através da articulação entre as professoras que promoviam aulas e palestras em ambos os espaços.

A Igreja Católica uniu-se ao programa, contribuindo na formação de uma mentalidade voltada para a busca de melhorias sociais através da promoção de grupos de jovens e mães, ora trabalhando com música, artesanato, produção de doces, intencionando envolver os participantes em trabalhos comunitários, além de contribuir

¹² É apenas no final do século XX, com os estudos e escritos de Michelle Perrot e Joan Scott, sobre mulheres, que o leque de pesquisas sobre o mundo feminino se abriu definitivamente, levando pesquisadores a repensarem a situação feminina enquanto objeto de estudo, enquanto sujeito, agente do cotidiano e da construção da história, colocando-as enquanto ativistas nas áreas da política e da economia, mesmo que a passos lentos, tendo em vista ainda serem espaços restritos a homens pela historiografia do passado. (BRITO, 2005)

¹³ Esses clubes surgiram no Brasil aproximadamente na década de 50, em Minas Gerais, por meio dos programas de assistência à agricultura, muitos pela ANCAR (hoje EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), instituições ligadas ao poder público, com o intuito de reunir jovens da zona rural, para discutir técnicas de cultivo e plantio. É um programa de Extensão Rural ligado à Educação Rural, visando gerar um novo estilo de vida e de produção para o campo (GOMES, 2013).

na renda familiar através das atividades desempenhadas, visando formar sujeitos preocupados com o meio social, como podemos verificar nas 10 cartas encontradas no acervo documental do CENEP, entre os anos de 1974 a 1979.

A maioria das correspondências é do Frei Afonso em resposta as mensagens enviadas por Nega Lourdes em nome do Grupo de Mulheres da Igreja, sempre enfatizando a não desistência dos sonhos e a persistência nos trabalhos por elas desenvolvidos. Frei Afonso foi um dos padres que atuou na cidade no início dos anos 70, adepto da Teologia da Libertação¹⁴, e que por meio da instituição religiosa conseguiu penetrar na comunidade e organiza-la a buscar e reivindicar as melhorias necessárias. Isso fica explícito quando em umas de suas cartas ele cita: “Mas vocês são ainda mais fortes, e serão capazes de vencer a ajudar as crianças, os jovens, os adultos e as mulheres a se libertarem.” (AFONSO, São Paulo, 21 de julho de 1979)

Dessa forma, tomamos aqui os fatores educacional e religioso como percussores na formação de um senso crítico sobre a sociedade e sobre como se organizar para não só exigir mas também promover melhorias na condição de vida das comunidades.

Neste período, diante dessa nova tendência doutrinária que perpassava a Igreja, à recepção dos projetos e ações assistencialistas por certa parcela da sociedade, especialmente as mulheres que passam a atuar na paróquia, tornaram-se mais fortes, pois a visão politizada proporcionada pela Teologia permitiu que elas se engajassem cada vez mais em atividades ligadas à promoção do bem estar social. Podemos verificar isso na fala de Nega Lourdes¹⁵ quando ela diz: “Eu entrei nesses trabalhos como adolescente, acho que com 15, 16 anos. Comecei em grupos de jovens, na Igreja, e entrei naquele Clube 4S (...) E a partir daí minha vida toda voltada pra os trabalhos sociais.”

A partir desta fala e de outras coletadas, coerentes com as pautas de encontros de animadores da Igreja, se verificou que a inserção das mulheres nos espaços religioso cristãos, e claro no âmbito escolar, foi fundamental para moldar um ambiente propício a lutas por transformações sociais protagonizadas por mulheres, frequentadoras majoritárias desses espaços.

¹⁴ A Teologia da Libertação surge em um contexto de fragilidade social, políticas e econômicas, em meados do século XX, e teve maior ascendência na América Latina. Uma tendência dentro da Igreja que analisava com criticidade a realidade social vislumbrada no período, visando auxiliar na minimização das carências sociais, fato que causou, ao longo dos anos, desconfortos com os poderes públicos, da qual estiveram ligadas desde o período colonial. No Brasil, este fato se agravou ao decorrer da Ditadura Militar. (SILVA, 2006)

¹⁵ Maria de Lourdes Gomes de Lima. Professora aposentada e coordenadora geral do Centro de educação Popular (CENEP). Entrevista realizada em Nova Palmeira, maio de 2014.

Nesse sentido, dialogamos com Thompson (2011) ao se referir ao conceito *de classe*, a partir das práticas operárias na Inglaterra do século XX. Para constituir esse conceito e percebê-lo enquanto fenômeno histórico que acontece em meio às relações humanas, e por isso um eterno fazer-se, o autor volta ao passado¹⁶ para apreender as *experiências* que resultaram, ao longo do tempo em uma *consciência de classe*¹⁷. Ele propõe uma releitura do passado buscada a partir da multiplicidade de experiências cotidianas, valorizando perdas e ganhos dos subalternos, pois só assim pode-se apreender os conflitos e processos de transformação redigidos na sociedade.

Dessa forma, verificamos que as mulheres, ao longo do tempo, passaram a se constituir a partir de experiências que as fizeram gradativamente, assumir posicionamentos mais direcionados, visando, inclusive, seu empoderamento. O resultando disso foi à formação de um movimento de oposição frente às instituições públicas e políticas do município entre o final da década de 80 e início dos anos 90, temática destinada ao próximo capítulo deste trabalho.

Pensando sobre a atuação da Igreja e da educação na formação política das mulheres aqui estudadas, através da análise de fontes coletadas e de uma historiografia pertinente ao tema, também objetivamos mapear leituras e práticas que embora não tenham determinado, mas possibilitaram lutas futuras, encabeçadas não mais por um censo religioso, mas político e institucionalizado.

1.1 Do encantamento das palavras: uma educação feminina

Segundo Charliton Machado, a educação na cidade estava a cargo das mulheres, estas que “tiveram uma evidente predominância sobre os homens, alfabetizando, durante décadas, gerações de alunos, em sua maioria do sexo feminino.” (1997, p.35). Com isso, entendemos a educação como uma das ferramentas indispensáveis para que as mulheres palmeirenses formulassem uma visão sobre o mundo diferenciada do que

¹⁶ Este capítulo, destinado a análise dos anos anteriores a 1985 na história de algumas mulheres palmeirenses, nos permitiu apreender acontecimentos e relações humanas fundamentais para compreendermos os movimentos que se teceram a posteriori na cidade, por elas protagonizadas.

¹⁷ Para Thompson (1987) *experiência* é como um aprendizado particular, trilhado e partilhado no cotidiano e que dá contornos a concepção de organização, de um grupo em busca de concretização de anseios, implicando numa função social e cultural. Um conceito constituído a partir de práticas e discursos referentes aos trabalhadores, entendendo que uma classe não é construída somente em termos econômicos, mas pelas adaptações ao meio, pelas especificidades das práticas que se diferenciam de lugar para lugar. Thompson pensa *experiência* ligada à cultura, pois compreendeu que grande parte da compreensão sobre grupo determinou as relações produtivas nas quais os homens nascem e são inseridos a ela de modo involuntário.

culturalmente fora destinado a elas: cozinhar, lavar e passar. As experiências com a educação, vivenciadas anteriormente, teriam conduzido esse grupo de mulheres ao mundo da leitura, possibilitando que elas almejassem invadir outros espaços de saber, inclusive a própria universidade¹⁸.

Dessa forma, é interessante pensarmos a importância da leitura como uma prática que em Nova Palmeira foi destinada às mulheres, prática esta conduzida através dos desejos e dos projetos de melhorias das condições de vidas. Segundo Certeau, a arte de ler "faz das palavras às soluções de histórias mudas (...) ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passante" (2008, P. 49), afinal, a interpretação e apropriação do texto lido é diferente para cada leitor, variando no tempo e no espaço, criando significações outras, outros sentidos, dessemelhantes das intenções do autor. A leitura é uma prática, uma forma de consumo que não é o estabelecido pelas estratégias de vendas, mas sim por táticas promovidas pelo consumidor¹⁹. Mas, que leituras realizaram essas mulheres? Que operações efetivaram tais leituras no cotidiano?

A partir das leituras silenciosas (mas não passivas) de romances de cordéis e de cartilhas sobre o ABC, experienciadas por Mocinha, começa a emergir um outro mundo de possibilidades:

Bem, eu comecei a ler, eu, eu fui pra escola com 10 anos de idade, uma escola particular, que não tinha escola. Escolinha particular. Pai pagava 5 reais, 5 mil réis por mês. Eu aprendi, né?! Passei um ano nessa escola. Eu aprendi a ler, eu fui nas primeiras letras no ABC, aí quando saí de lá já lia tudo. Aí, graças a Deus, eu era doida pra ler. Ajuntava o que era de romance, que naquele tempo era romance, né?! (...) De romance era Juvenal e o dragão, era O pavão misterioso, era Luiz e Irá... Irê... Era uns pouco deles. Eu achava muito bom. Eu sei que eu aprendi mais a ler com os romances do que na escola. Só vivia... Eu só dormia meia noite quando não podia.²⁰

¹⁸ Nega Lourdes se tornou aluna do curso de História em 1981, pela Universidade Regional do Nordeste (atual UEPB), e Tedinha estudante de sociologia também em 1981, pela mesma instituição.

¹⁹ Aqui pensando os conceitos de *tática* e *estratégia* a partir das ideias organizadas por Michel de Certeau. Para o escritor, *estratégia* seria a ação realizada a partir de um lugar próprio, já estabelecido, um "cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado" (2008, p. 99), com objetivos já moldados antes mesmo de serem posto em prática. *Estratégia* tem lugar, hora e alvos marcados, ela impõe e demarca, limita e determina, ao contrário da *tática*, que seria o uso inventado subitamente do tempo e do espaço, uma ação também calculada, porém "determinada pela ausência de um próprio" (p. 100), ou seja, prática em que o lugar sempre é o do outro, não tendo meios para se manter, vai acontecendo a partir das ocasiões que lhe aparece. A tática "vai à caça. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém ali espera. É astúcia." (p. 101)

²⁰ Luiza Marques dos Santos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em Nova Palmeira, dezembro de 2013.

Ao se reportar ao passado, Mocinha fala com orgulho sobre como a educação a transformou. Mesmo tendo iniciado seus estudos aos dez anos e tendo frequentado a escola por apenas um ano e, mesmo que ela tenha aprendido "mais a ler com os romances do que na escola", a educação se apresenta aos olhos dela como um espaço de esclarecimento (sobre sua vida e sua comunidade) e de tomada de poder político.

Conforme as entrevistas realizadas, esse mesmo entendimento parece ser comungado pelas outras participantes do grupo. Marizinha, professora desde muito nova, sempre teve o hábito de ler, e dessas leituras resultou na produção de uma coleção artística particular com poemas, músicas, rimas, paródias, contos, e é nessas escritas que a autora releva suas angustias e anseios de uma sociedade melhor. Tedinha, a "devoradora de livros" com ela se intitula durante a entrevista, acredita ter sido o gosto pelo ato de ler a ferramenta fundamental para torná-la sensível às causas sociais e se envolver de "corpo e alma". Nega Lourdes, que também foi professora, assegura em sua entrevista que foi nos livros que desenvolveu peculiar sensibilidade às necessidades da população.

Nas leituras de cordéis e romances, como *A Viuvinha*, de José de Alencar, por Mocinha, nas tramas construídas na trilogia *Subterfúgios da Liberdade*, de Jorge Amado, por Tedinha, nos textos sobre revolução por Nega Lourdes e Marizinha, a exemplo de *Fidel e a Religião*, obra do historiador Frei Betto, encontramos um conjunto de aprendizados que contribuíram para construir uma identidade de grupo feminino que confluía para questões sociais. Cada uma delas apropriando-se dos textos lidos, das imagens visualizadas e dos estilos de vida descritos nas obras; leituras que acabavam por fazê-las pensar num modelo ideal de sociedade, no qual se baseavam para fomentar suas ações sociais locais²¹.

Grande parte do que as quatro mulheres (Tedinha, Nega Lourdes, Marizinha e Mocinha) liam era de cunho social, leituras que apontam para um entendimento acerca de um mundo das igualdades sociais, onde os direitos e as relações humanas seriam

²¹ Tais práticas de leituras inspiram-me a pensar - respeitando as temporalidades que separam os contextos em questão -, na bela história do livro *O Queijo e os Vermes* (1988), de Carlos Guinzburg, que mostra como através das práticas de leitura realizadas por seu personagem, Menocchio, um camponês, moleiro friulano, amante dos livros, passa a elaborar compreensões próprias sobre o mundo e as culturas nele existentes através dos livros, nos revelando uma peculiar erudição em meio a mundo entendido como popular. Um homem comum que vê nas trilhas de suas leituras rasuras na moral imposta por uma cultura tida como erudita, a exemplo da construída pela Igreja Católica. Menocchio se apropria das narrativas e constrói uma mentalidade original e particular sobre sociedade e sua necessidade de transformação.

iguais e fosse questão de prioridade. As obras literárias citadas em suas falas, direta ou indiretamente, tecem críticas a modelos políticos e econômicos, além de narrar personagens da história vistos como revolucionários, gestores de mudança, a exemplo do próprio Fidel Castro.

As quatro mulheres construíram projetos de vida e, por meios deles, fizeram emergir atuações que marcam até hoje a realidade social do município. Inicialmente, seus engajamentos se deram por meio dos grupos católicos, conforme já foi citado, dos programas conquistados através das escolas (urbana e rurais), dos movimentos sociais de oposição, posteriormente, através da formação de um partido político de esquerda (PT) e pela fundação de uma ONG, esta tomada aqui como maior símbolo das atividades femininas nova palmeirense atuante até hoje.

Entretanto, mesmo que nas entrevistas realizadas sejam as atitudes femininas que se sobressaiam nas conquistas relatadas, é interessante ressaltarmos a participação masculina na colaboração e no apoio aos eventos promovidos por essas mulheres, principalmente a partir dos anos 80. As marcas dessas atuações são encontradas em assinaturas nas atas de reuniões dos encontros religiosos e principalmente sindicais, tanto pesquisadas no próprio STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) quanto no acervo do CENEP (Centro de Educação Popular), nas produções de peças teatrais organizadas pelo grupo que deu origem ao CENEP nos anos 90, nas fotografias coletadas que historiam os acontecimentos na cidade, nos registros de fundação e fichas de filiação do Partido dos Trabalhadores. Deve-se observar que apesar de existir, nas entrevistas concedidas, um discurso demasiado elogioso da participação das mulheres nesses eventos e um silenciamento sobre a participação masculina, tal astúcia deve-se ao desejo dessas mulheres em exacerbar a "luta feminina".

Acreditamos que, por sempre estarem em maioria nesses documentos, as mulheres ganharam destaque nas discussões, principalmente por terem elas efetivado rupturas em um espaço onde o poder patriarcal e a cultura machista pairavam de forma hegemônica. Uma vez que, a maior dificuldade em se fazer história sobre mulheres está na fragilidade histórica de dar "voz" às memórias femininas, o que Michelle Perrot (1989) acredita que essa dificuldade está nas fontes que não nos permite "chegar" nessas até elas, tendo em vista serem os arquivos públicos produzidos por homens, ficando apenas os rastros de arquivos e memórias privadas veículos de investigação da atuação feminina nos espaços, gestando tanto quanto os homens, mudanças sociais.

Os grupos como o Clube 4S, o Grupo de jovens, de mães e de mulheres na cidade começam a se formar em meados dos anos 60, período pós-golpe militar. Marizinha e Tedinha já eram professoras do ensino infantil, depois MOBREAL²², tanto na cidade quando na zona rural de Nova Palmeira, Mocinha já havia lecionado e Nega Lourdes começava a se engajar nos grupos comunitários da Igreja. São nesses territórios de atuações que elas passaram a efetivar mudanças, pois o fato de ensinarem levaram-nas a novos conhecimentos e experiências acometidas ao longo de suas visitas a outras cidades, a exemplo de suas formações no curso pedagógico que aconteceu na cidade de Alagoa Grande, em 1965. Sobre isso a depoente Marizinha comenta:

E, uma coisa que foi muito importante, muito, muito importante, foi à questão da formação enquanto professora (...) que eu fiz em Alagoa Grande, de um ano, em 4 períodos de três meses. Então a gente estudava em Alagoa Grande, era uma turma aqui em Nova Palmeira de quatro mulheres. A gente estudava e aqui a gente ensinava, passava o que a gente aprendeu para as crianças e também trabalhava com a comunidade, que atingia a comunidade, que atingia os pais.²³

De acordo com o depoimento, as atividades desenvolvidas pelas professoras não se restringiam apenas ao âmbito escolar, mas atingiam tanto os pais dos alunos quanto à população de maneira geral, a exemplo do próprio Clube 4-S, que anteriormente vimos que não só atuava com os alunos, mas envolvia também a comunidade beneficiada pelo programa. As práticas pedagógicas, efetivadas pelas referidas professoras, provocaram mudanças no estilo de vida das famílias à medida que elas interferiam nos hábitos alimentares: propondo o consumo de alimentos "mais saudáveis", elas procuravam introduzir outros tipos de alimentos nas dietas das famílias, ensinando-as a cuidar melhor dos preparos alimentícios, além de integrarem a escola e a comunidade através de reuniões com os pais e mães, para discutirem sobre outros assuntos direcionados para os campos do social, da saúde e da educação.

Ao estabelecerem tais relações de proximidade com a população, as professoras passaram a ser vistas como mulheres "sabidas" na comunidade, pois além de discutirem sobre os diversos temas, muito deles desconhecidos, a exemplo, sexualidade e cuidados

²² MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização, foi criado no Brasil pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Tem como objetivo alfabetizar funcionalmente jovens e adultos. O programa foi desenvolvido durante o regime militar e durou por alguns anos, cessando nos anos 80 por questões econômicas.

²³ Maria da Paz Bezerra de Medeiros. Professora aposentada. Entrevista realizada em Nova Palmeira, janeiro de 2014.

com a higiene corporal, também aplicavam e ensinavam técnicas de enfermagem, de plantio e cultivo da agricultura. Era um trabalho múltiplo, diferenciado, pois não se restringiam apenas o ato de *ensinar*. Como não havia facilidade de informações na cidade até o começo dos anos 80, nem meios de comunicação, pois a televisão era privilégio das elites políticas e sócio-econômicas, o que conheciam sobre cuidados com si eram compartilhados em casa e com os vizinhos. Neste sentido, por preencherem este espaço de tamanha carência, as professoras vão ganhando força e reconhecimento.

As instituições escolares do período financiadas ora pelo município, ora pelo Estado, eram pequenos espaços adaptados às necessidades de ensino, havendo apenas uma na zona urbana e poucas espalhadas nas comunidades rurais, ficaram a cargo de conceder o espaço físico para a realização dessas reuniões, que em geral eram mediadas pelas próprias professoras, havendo uma vez ou outra a participação de outros profissionais convidados por intermédio das mesmas (professoras).

Como dito anteriormente, à medida que os benefícios foram sentidos pela população carente, que era a ala mais ou beneficiada pelas atividades, o grupo de professoras foi ganhando destaque na cidade e algumas delas também foram ganhando notoriedade. Este foi o caso de Tedinha, que passou a ser vista pela comunidade onde trabalhava como professora “sabe tudo”. Este lugar de respeitabilidade, vivenciada pela professora Tedinha, torna-se emblemático para se entender a edificação de um novo contexto social na cidade: a visibilidade feminina articulada ao desenvolvimento educacional. Mas também para se entender como as mulheres, envolvidas no projeto, acabam por se constituírem enquanto mulheres de *ação*, mulheres engajadas socialmente.

Dessa forma, temos na educação uma concentração de atuações e experiências importantes para a formação de uma identidade feminina, entendida aqui enquanto sujeito de poder; mulheres, e neste caso professoras, possuidoras de saberes práticos. Neste sentido, foi na vida cotidiana que elas criaram espaços particulares de atuação no cuidar, no ensinar, no proteger, no alimentar.

1.2 Da oração à ação

A partir da década de 70 a atuação da Igreja Católica, através das atuações de padres ligados a Teologia da Libertação, como o padre Lorenzo e Frei Afonso, podemos considerar que houve uma transformação do espaço social de Nova Palmeira. Estes

padres desempenharam um papel importante no que consiste a organização de mulheres sobre ideias e práticas sociais na germinação de mudanças para a população.

Ao exemplo do que ocorre com várias cidades paraibanas, a religiosidade cristã constitui fortemente a identidade das comunidades. Principalmente quando o padre que residia no lugar e mantinha uma boa relação com os fiéis, pois sua atuação poderia ser potencializada, não somente através das missas domingueiras, mas através dos sacramentos praticados, dos conselhos e/ou orientação aos praticantes no contato cotidiano. Por ser um líder religioso, a figura do padre acaba tendo um lugar privilegiado junto às pessoas, direcionando suas visões de mundo, interferindo sobre os costumes e práticas morais.

Não só pela Igreja em si, mas pelos referidos padres que chegavam à cidade, a atuação dessa instituição na perspectiva de promover mudanças no meio social, ganhava cada vez mais amplitude, principalmente com a introdução da Teologia da Libertação, norteada por uma filosofia que primava tanto por um caráter de "ajuda ao próximo", como por uma nova visão sobre participação política, movimentos que acabaram por estabelecer uma relação de proximidade com os membros. Essa tendência de promover a fé cristã foi fundamental para fortalecer ideais de transformação na mentalidade feminina palmeirense que já ansiava por mudanças. Segundo Machado (1997), "em Nova Palmeira, a prática comum de "ir para Igreja sempre coisa de mulher", assim, foram elas as primeiras a vivenciarem a politização religiosa" (p. 82).

Uma delas foi Marizinha. Ela atuou enquanto professora no povoado e como agente de animação da Igreja, especialmente na zona urbana. Em meio a outras mulheres, se destacou por ter uma atuação mais efetiva nos exercícios desenvolvidos pela Igreja na cidade. Sempre esteve a frente na organização das missas, celebrações, ofertórios e novenas, além de ser a responsável por compor muitas das cantorias religiosas apresentadas nesses encontros. Sua vida fora marcada pela participação na educação, na Igreja e na política.

Tedinha foi uma das mulheres a ganhar especial destaque enquanto líder religiosa, principalmente depois da chegada do padre Lorenzo a cidade, nos anos 70, onde teve maior liberdade para promover encontros, firmar grupos e disseminar ideias de mudança, exercícios que já desenvolvia enquanto professora na comunidade Pedra Branca, zona rural de Nova Palmeira. Tedinha fez muitos cursos de teologia, não ficando fixamente na cidade. Foi em Campina Grande que, segundo ela, aplicou seu maior conhecimento na área, prestando serviço à diocese da cidade como catequista,

período no qual precisou se ausentar da profissão de docência para assumir um outro tipo de atividade.

Mocinha foi professora, além de agricultora, esposa e mãe de doze filhos, ainda atuou como líder rural, religiosa e política. Essa devota de Nossa Senhora da Guia soube dosar igualmente a crença na religião e na vida política: dedicou sua vida à Igreja, às orações e às causas sociais com o mesmo afínco. Sempre ávida nas suas lutas e fervorosa em sua crença, permanecia ativa nas atividades pastorais e nos grupos religiosos.

A igreja era a instituição que ligava a zona rural ao território urbano, ficando com Mocinha o papel de intermediar as discussões entre os dois espaços. Era ela a responsável por organizar os eventos religiosos nas comunidades vizinhas, articular as reuniões pastorais e os encontros dos grupos de jovens e de mães. Também compositora, escrevia poemas e versos²⁴ para serem declamados durante os eventos e festividades religiosas. Ao interferir na comunidade e ao criar aí um espaço de poder, ela começa a ganhar destaque, fazendo-se importante entre os seus pares.

Mas, a atitude dessas mulheres não pode ser vista como uma mera ação heroica e isolada. Segunda Silva (2010), “a Igreja tornara-se o principal espaço de segmentos sociais que se encontravam à margem do processo político”, dessa forma, e não diferente das cidades vizinhas, foi no território religioso que as oposições palmeirenses começaram a se firmar, principalmente através do trabalho desenvolvido pelos agentes pastorais, que eram pessoas ligadas aos grupos sociais assistidos e responsáveis por fazerem “despertar” na população o senso de luta por uma assistência a saúde melhorada, uma educação de qualidade através do investimento nos aspectos físicos das instituições, pelo direito a moradia digna e meios que possibilitassem o acesso a uma alimentação de qualidade.

Nos grupos comunitários da Igreja, as responsáveis por esta atuação junto ao público que compunha esses grupos eram denominadas de “mediadoras”. Estas discutiam sobre temas que ainda eram tabus ou não eram conhecidos pela comunidade, como por exemplo, sexualidade, que era ainda para a população da época um assunto restrito à prática sexual e perpassada por uma visão cristã; atos que deveriam existir em ambientes apenas privados por duas pessoas de sexos opostos, uma prática a ser “escondida” dos olhos e ouvidos de outrem, a exemplo de filhos e jovens.

²⁴ No acervo documental do CENEP encontramos inúmeras produções artrísticas dessas mulheres, entre elas músicas, versos, rimas, poemas, ladainhas.

Nas reuniões, as discussões sobre o tema da sexualidade foi modificando essas visões cristianizadas a partir dos novos modos de abordagens das professoras envolvidas no projeto. A sexualidade tratada nos encontros estava ligada a higiene corporal do indivíduo, aos cuidados com a alimentação, através da apresentação das contribuições e restrições das frutas e verduras, a exemplo das mulheres durante a gravidez, algumas vitaminas consumidas pelas mulheres, pois às "protegiam a mulher contra o aborto" e era "preciso que as gestantes comessem alimentos com vitaminas", para não comprometerem o bem estar da criança.

Dessa forma, temas como sexualidade, trabalhados a partir de questões sobre saúde e cuidado com o corpo, passaram simultaneamente a adentrarem nos lares contribuindo para minar com as algumas das carências apontadas no município. Em depoimento Tedinha comenta um pouco sobre esse trabalho com a comunidade:

Esses grupos de jovens tinham mais a preocupação, religiosa, espiritual, espiritualista, de religiosidade e tal, mais também, de... o que nós chamávamos de formação, de discutir a problemática do próprio jovem, a questão da sexualidade que na época era um tabu imenso, e aí eu me lembra que eu sofria até determinadas pressões de mães porque eu passei também a discutir essas coisas em sala de aula, eu já discuti a questão da sexualidade com as crianças, por exemplo, não era exatamente a questão da sexualidade, mas se ia trabalhar as vitaminas que tinha nas verduras, eu dizia que a vitamina E, a vitamina A, se eu não me engano, vitamina E, não lembro bem, protegia a mulher contra o aborto, era preciso que as gestantes começassem vitaminas. E quando falava nisso as mães viam em cima de mim, né?!²⁵

Entretanto, a rejeição por parte de algumas pessoas sobre temas como gravidez ocorria, por ser este proveniente do ato sexual. Mesmo assim, as professoras ousavam discuti-lo, como podemos perceber na citação acima, quando a professora comenta que esbarrou em mães que não gostavam de saber que seus filhos discutiam assuntos nesse sentido e "viam pra cima" delas (das professoras). Dessa forma, demonstra como essas mulheres, as professoras, possuíam um ideário de mudança, de quebrar com estruturas patriarcais maximizadas na sociedade palmeirense, hegemonicamente masculina.

Com isso, demarcamos um caminho de experiências interessantes para nossa análise, uma vez que essas mulheres passaram a viver como lideranças nas comunidades, sejam enquanto professoras, sejam enquanto agentes pastorais,

²⁵Terezinha de Jesus Medeiros. Professora aposentada e educadora pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Entrevista realizada em Nova Palmeira, março de 2014.

enfermeiras, psicólogas, ora vivenciando situações em conjunto, ora circunstâncias individuais, nos levando a pensá-las – as experiências – como percussoras dos posteriores movimentos sociais que as mesmas, em consonância com outras, promoveram na cidade.

A participação nessas duas esferas de poder (educação e Igreja) permitiram as mulheres nova palmeirenses, envolvidas no projeto, visualizarem espaços de sociabilidade onde os valores comunitários, a união, o respeito, a participação e a organização foram compartilhados e indispensáveis para se formar um grupo com uma identidade forte. É possível que tal orientação política, a de interferência no âmbito social local, tenha provocado o interesse e o investimento na constituição de um partido de esquerda, o PT, problemática destinada ao próximo capítulo.

CAPÍTULO II

DE(MARCANDO) ESPAÇOS, RE(FAZENDO) LUTAS, IM(PLANTANDO) PARTIDO



Imagem 3- Fotografia da passeata “O Grito dos Excluídos”, ocorrida em na Semana da Pátria, em Nova Palmeira, no ano de 1995 (FONTE: Acervo fotográfico do CENEP).

O Grito dos Excluídos. Enquanto as autoridades preparavam as comemorações da Semana da Pátria, a população é surpreendida por uma passeata composta por mulheres reivindicando melhorias salariais e maior participação feminina nos espaços públicos de poder na cidade de Nova Palmeira.

O registro fotográfico é de meados dos anos 90 e retrata a organização de mulheres, entre elas mães, professoras, estudantes e agricultoras, no momento chamado *O Grito dos Excluídos*²⁶. A imagem demarca a denúncia do modelo político e econômico do município, que tanto excluía boa parte população como pagava míseros salários aos trabalhadores, como enfatiza uma carta logo atrás da faixa que diz: “Um ano sem aumento!”. As mulheres engajadas e envolvidas na passeata também exigiam maior participação nos espaços públicos, tendo, principalmente, seus direitos reconhecidos, como podemos verificar no depoimento de Nega Lourdes:

²⁶ Durante os anos 90, do século XX, no Brasil, aconteceram muitas manifestações populares em prol de melhores condições de vida, pontuando as possíveis insatisfações sociais que existiam no país. Estas mobilizações ficaram conhecidas como *O Grito dos Excluídos*, demarcando a participação das alas excluídas socialmente no encabeçamento dos movimentos. Nesta perspectiva, conectada com este movimento, a passeata das mulheres de Nova Palmeira também tentava denunciar os problemas ali existentes.

Foi num desfile de 7 de setembro... A gente bolou, escondendo de última hora, saindo escondido, montamos um pilotão. Nós éramos corajosas demais. Montamos um pilotão no dia 7 e saímos com as panelas vazias... panelas vazias, com faixa, que foi na época do Grito dos Excluídos. A gente se escondeu num sei aonde, eu não tenho nem ideia mais. Isso todo mundo de última hora saiu com as faixas e as panelas vazias e dizendo: “Estamos com fome!” Porque nem dava aumento a ninguém... E a gente fez isso.²⁷

A fala da entrevistada mapeia rapidamente as práticas tecidas para reivindicar posicionamentos assumidos pelos dirigentes, demarcando o que Certeau (2008) vai chamar de “modos de proceder da criatividade cotidiana”, práticas que os sujeitos passam a constituir em territórios estabelecidos por outros, os reapropriando e instaurando formas sub-reptícias gestadas pelas necessidades do cotidiano, astúcias de consumidores que compõe a rede da “antidisciplina”, entendida pelo autor como as resistências, as violações as ordens estabelecidas a uma sociedade.

Ainda na década de 90 projetos idealizados por um grupo de oposição passaram a se concretizar, ganhar formas institucionalizadas, estabelecendo espaços de luta e direcionando reivindicações. Ideias costuradas ao longo dos anos de movimentos e lutas sociais que antecederam o período. O resultado disso, no começo dos anos 90, foi à formação de um partido político de esquerda, o Partido dos Trabalhadores (PT), e a fundação do Centro de Educação Popular – CENEP (este tomado como objetivo de análise do próximo capítulo). Conquistas de um grupo, na qual as mulheres eram predominantemente ativas.

Contudo, é interessante, e cabe a este capítulo, passearmos por uma década antes, na qual Nova Palmeira não ficou ileso de atuações femininas. Ao longo da década de 80 os grupos pastorais se encarregaram de politizar através da Teologia da Libertação e de seus agentes. Os jovens e mulheres que participavam das organizações eclesiais, a exemplo da própria CEB (Comunidade Eclesial de Base)²⁸, que surgiu em Nova Palmeira, em meados dos anos 80, fortalecendo ideais de mudança, que

²⁷Maria de Lourdes Gomes de Lima. Professora aposentada e coordenadora geral do Centro de educação Popular (CENEP). Entrevista realizada em Nova Palmeira, maio de 2014.

²⁸Segundo Jomar Ricardo (2010), pesquisador das CEBs, em especial na Paraíba, da qual resultou na sua tese de doutoramento intitulada *A Igreja da pós-modernidade: CEBs, poder e cidadania*, as Comunidades Eclesiais de Base surgem em um contexto de oposição da Igreja aos poderes públicos, em meados do século XX, a partir de organizações de base, atreladas aos interesses da sociedade civil, estimulando a participação da população nos espaços de poder da sociedade. Formada por uma estrutura descentralizada e heterogênea, possui tanto membros políticos quanto religiosos, direcionados pelos chamados animadores e agentes pastorais.

influenciaram de forma efetiva na costura de disputas políticas. De acordo com Machado (1997), a Igreja Católica foi fundamental para a configuração do confronto que se travou entre os setores sociais e as instituições de poder local, a exemplo da Prefeitura, da Câmara de Vereadores e seus partidos de sustentação, inclusive do próprio Sindicato Rural, este que estava sobre poder do estado até final dos anos 80, através de discussões sobre fome, desemprego, saúde, cidadania. Ainda segundo o autor:

Em Nova Palmeira, especificamente, desde meados dos anos 80, esse posicionamento teve influência decisiva na dinâmica de parcialidade assumida pela Igreja Católica nos processos de disputa do poder local, na medida em que, como aliada incondicional de determinados grupos de oposição, abriu suas portas para organização e o fortalecimento público desses diversos setores sociais. (1997, p. 77)

Assim como a educação, a Igreja atrelada a uma formação política dos fies mais participativos, em maioria mulheres, se coloca como emblemática na constituição de uma mentalidade de mudanças que se reorganizaram enquanto atos reais, ou seja, na organização de mobilizações sociais que implicaram em transformações não só no espaço nova palmeirense mas também na atmosfera de outras cidades como visualizaremos ao logo do capítulo.

2.1 O movimento

No arquivo particular de Mocinha, que tinha o hábito de anotar “tudo” nos seus cadernos de rascunho, como ela os chama, podemos visualizar a formação de um movimento sindical expressivo já em meados dos anos 80 a partir “comunidades de formação”, como a mesma cita em seus escritos, a partir da Igreja Católica, instituição arcabouço de ações comunitárias e sociais.

No arquivo pessoal da referida tanto encontramos resumos de eventos pastorais que ela participava enquanto evangelizadora quanto relatórios produzidos pela mesma sobre o Encontro de Pastoral Rural, que aconteceu na cidade vizinha, Picuí, em 14 de junho de 1986, no qual, segundo ela, discutiam o que seria a Pastoral Rural e sua importância na vida do homem rural. Ela enfatiza os aspectos positivos do encontro, afirmando ter sido importante, pois serviu de “alerta para – nós – trabalhadores”.

Ela também escreveu sobre o Encontro Zonal do Nordeste²⁹, que aconteceu em Nova Palmeira no dia 16 de junho de 1986, marcando a presença de vários padres, entre eles o P.^a Donato³⁰. Nesse registro pessoal, a agricultora relata sobre a necessidade de organização e ajuda mútua de todos os trabalhadores para buscar melhorias nas relações de trabalho e a importância de estabelecer articulação entre as cidades vizinhas, ligadas pelos padres das paróquias, como Juazeirinho, Nova Floresta, Frei Martinho, Pedra Lavrada, Cubati, Picuí.

Em 10 de setembro de 1986, ainda segundo os diários de Mocinha, aconteceu o Encontro Zonal do Curimatú, no município de Picuí. O objetivo era formar um grupo para a próxima reunião capaz de representá-los nas decisões paroquiais, que seria na cidade de Cuité, em 5 de novembro do mesmo ano. Mocinha ainda cita eventos posteriores, como o Encontro de Jovens, entre 4 e 5 de outubro de 1986, na cidade de Lagoa Seca, o que explicita a abrangência desse movimento e suas estratégias de articulação entre Nova Palmeira e as cidades próximas.

Os trabalhos continuam no ano de 1987, conforme os relatórios e resumos de atividades coletados no acervo documental do CENEP e escritos por um grupo de mulheres, analisadas aqui. Há registros sobre a Assembleia Mini-Zonal do Curimataú, ocorrida em 9 de junho do citado ano, na cidade de Soledade, com representantes de Juazeirinho, Nova Palmeira, Soledade e Pedra Lavrada. A partir dos registros sobre o evento, fica nítido a formação de um conciso movimento de oposição sindical rural, no território entendido na época por Curimataú, delimitação territorial que perpassa pelas cidades de Picuí, Cubati, Nova Floresta, Soledade e Pedra Lavrada. Este movimento demarcava práticas “esquerdistas” que não ficaram apenas restritas a Nova Palmeira, porém, compreendo ser esta discussão para um próximo momento da pesquisa, que sem dúvidas, está longe de se esvaziar.

Ainda no ano de 1987 encontramos registros do *1º Encontro de Trabalhadores Rurais sobre sindicalismo em Nova Palmeira*, ocorrido em 5 de julho na cidade. Sobre esse evento foi escrito um relatório em forma de versos, uma característica peculiar das expressões artísticas dessas mulheres na cidade, tendo em vista serem leitoras de

²⁹ Os Encontros Zonais são reuniões promovidas pela Igreja Católica em união com os Sindicatos delimitados por um número de paróquias “x”, em geral cidades vizinhas, objetivando discutir questões políticas e religiosas que ambos tinham interesses.

³⁰ Este padre chegou à cidade através da Diocese de Campina Grande, encarregada de direcionar os padres para a Paróquia de Pedra Lavrada, na qual a Capeta de Nova Palmeira está vinculada. De tendências voltada a Teologia da Libertação, o padre se lançou como mediador de discussões que politizassem os fies, contribuindo para se criar uma mentalidade voltada a lutar por melhorias sociais. Donato mantém contato com a cidade através do CENEP.

cordéis, poemas, versos. No entanto, esta forma de escrita também pode ser tomada como uma *tática* utilizada pelo grupo (ou por algumas mulheres deste) para que suas mensagens fossem mais facilmente assimiladas pela população, como mostra o trecho a seguir do relatório do evento citado:

Bom salário, mais estradas.
Pro trabalho condição,
Açudes, Reforma Agrária,
Saúde e educação.

Finalmente se chegou
À mais certa conclusão:
A vez do trabalhador
Só vira seja onde for
Com sua organização.

Nota-se, neste sentido, a existência de desejo de organização no qual a ideia era "organizar" os trabalhadores e assim lutar pela conquista dos seus objetivos: "Bom salário", melhores condições de trabalho, saúde, educação, construção de açudes e a própria reforma agrária. Estes posicionamentos vislumbrados pelos líderes desse movimento, em sua maioria mulheres, na realidade palmeirense da época, demonstrando a existência de uma articulação de oposição sindical sistematizada, complexa e efetiva, como veremos adiante.

Em Nova Palmeira, no dia 11 de outubro de 1987, aconteceu o *Encontro de Trabalhadores Rurais: Educação Popular*, com o tema "Direitos e Deveres dos Trabalhadores", somando mais um evento que vinha discutir os caminhos a serem tomados pelos trabalhadores rurais frente ao sindicato. Desta vez as discussões foram direcionadas por Joscelito, membro da Equipe de Educação Política do Regional Nordeste II e da SAR (Serviço de Assistência Rural), do Rio Grande do Norte. Discussões sobre o tema do capitalismo foram tecidas, ressaltando a importância do apoio de instituições, a exemplo do Partido dos Trabalhadores, que surge enquanto instrumento de apoio para assegurar as disputas travadas com os políticos que dirigiam o sindicato na época.

Os documentos que nos levam a pensar que em meados dos anos 80, Mocinha já exercia uma atividade política, no sentido de questionamento, de interferência na

comunidade. Mesmo mantendo uma postura religiosa, através dos eventos³¹ que participava e que a colocou enquanto líder de sua comunidade, ela pode atuar nos trabalhos desempenhados junto aos grupos de Jovens, reforçando as ideias de comunidade e partilha, bem como acompanhando (e tomando anotações) todos os eventos de temática rural que acontecia no Brasil³² e na Paraíba entre nos anos 90. Tal postura revela, não somente um engajamento no grupo, mas um particular interesse para compreender sua condição de mulher trabalhadora do campo e para conquistar seus direitos.

O Resultado disso foi à vitória da chapa, a qual estava vinculada, no STR de Nova Palmira, 06 de setembro de 1989, onde se efetivou toda a mobilização existente desde meados dos anos 80 em um só movimento: a luta pela sindicalização feminina.

A partir de então, demarca-se um movimento específico de mulheres. Embora com apoios de figuras masculinas, a exemplo do esposo da entrevista, José Barbosa, e de alguns "companheiros rurais", foram elas que encabeçaram e deram roupagem a luta³³.

Marizinha, professora e compositora, também militante do movimento, durante o período de mobilizações escreveu a paródia *Mulher nova, bonita e carinhosa*³⁴, na qual faz referências a nomes de mulheres conhecidas por suas lutas em benefício dos trabalhadores, como Margarida Maria Alves e Elizabeth Texeira:

Margarida Maria defensora
Dos pequenos foi dos canavieiros
A voz forte contra justiceiros
Denunciando o patrão no sindicato (...)

(...) Quem não conhece Elisabete Texeira?
É a viúva de João que deu a vida
Pela gente pobre e oprimida
E ela segue na luta mesmo idosa.

³¹ Os encontros começavam e terminavam com orações e cantos religiosos, demarcando a influência e atuação cristã nas mobilizações sociais e comunitárias.

³² Durante o século XXI, nos países latino-americanos na década noventa notou-se a influência dos movimentos sociais, tanto os do campo quanto os da cidade, nos processos de desarticulação de ditaduras, de redemocratização de países e aberturas políticas, onde agremiações estudantis, sindicatos, partidos de esquerdas tiveram força e efetivação. (GOHN, 2012)

³³ Segundo Glória Rabay e Maria Eulalia Carvalho (2010), a princípio não há registros na Paraíba sobre lutas sociais vinculadas ao acesso à educação, como aconteceu por outras regiões do país, mas movimentos pelo direito ao voto no começo do século XX, algo já difundido pelo Brasil.

³⁴ Música original: *Mulher nova bonita e carinhosa* faz o homem gemer sem sentir dor. Intérprete: Amelinha. Composição: Otacílio Batista/Zé Ramalho.

Percebe-se nessa poesia, uma heroicização da figura dessas mulheres enquanto militantes que não desistiram de seus ideais, inclusive, perdendo a vida por estes, ao evocar a dedicação e a ideologia que acreditavam, ao pobre e ao trabalhador como forma de estimular, convidar e conscientizar mulheres agricultoras a persistirem na luta para se sindicalizar em Nova Palmeira. A luta era voltada para a conquista do acesso aos direitos assistidos ao associado no Sindicato, até então restritos apenas aos homens. No livro de Registros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Palmeira, criado em 24 de novembro de 1977, encontramos a assinatura de mulheres desde a primeira página, porém, nenhuma possuía benefícios da associação até 1989.

O movimento de oposição à diretoria do STR em Nova Palmeira, este que não aceitava a extensão de benefícios às mulheres associadas, enfrentou fortes resistências dos líderes políticos hegemonicamente masculinos, estes que estavam ligados de forma direta ao presidente do Sindicato na época, órgão, ainda, tutelado pelo Estado. O movimento durou alguns meses e em 05 de março de 1989 Mocinha conseguiu fazer sua ficha de associada, com o n.º de 1007 no Livro de Registro. Entretanto, a luta sindical não findou até aí.

Iniciou-se uma nova etapa do movimento. A intenção era desarticular o poder estatal dentro da instituição e colocar na diretoria pessoas diretamente do campo, os próprios trabalhadores. E isso podemos verificar a partir da batalha que se travou na justiça para cancelar uma eleição planejada pelo então diretor do Sindicato.

Segundo uma nota de esclarecimento redigida pelo grupo de oposição sindical, no mês de setembro de 89, intitulada *Esclarecimento aos Trabalhadores*, fala sobre a ação do então presidente Gerson Mendonça lançou o Edital de Convocação, no qual informa aos associados à eleição que se seguirá, no jornal Correio da Paraíba, que circulava na capital do Estado, João Pessoa, o que dificultava o acesso de informação aos trabalhadores em Nova Palmeira, pois o jornal não circulava na cidade.

A nota também alertava sobre o impedimento, por parte do presidente, em permitir o lançamento de outra chapa para concorrer às eleições, motivos que os levaram – o grupo de oposição – a entrar com um pedido judicial para conquistarem o direito a lançar outro nome para presidente, bem como informar que por meios judiciais conseguiram cancelar a eleição marcada para 06 de agosto de 1989. Ainda segundo a nota, o mandado do então presidente acabara em 6 de setembro do mesmo ano. Por não contarem com um posicionamento judicial, a nota aproveitava para marcar uma reunião com todos os associados para estabelecer uma diretoria provisória, no dia 17 de

setembro de 1989. Na data prevista aconteceu uma Assembleia Extraordinária que determinou uma nova diretoria para os próximos seis meses, no qual o processo de eleição poderia ser reorganizado de forma legal.

Em 02 de fevereiro de 1990 Antônio Pereira Dantas, integrante da chapa apoiada pelo grupo de oposição, vence as eleições e assume a presidência do STR palmeirense, demarcando uma expressiva vitória do grupo “esquerdista” frente a um dos órgãos de poder local, antes comandado pelo Estado. Um acontecimento que efetiva os anos de formação educacional e catequético/pastoral que as mulheres pertenciam e firmaram ideias. O enfrentamento com o poder público local, os processos judiciais que abriram, a formação de uma frente combativa da ilegalidade na qual se viu constituir ao longo da década de 80 na cidade, por maioria feminina, só veio a alargar lugares de discussões e disputas, como veremos a partir da fundação do Partido dos Trabalhadores, fundado através da Convenção Municipal, ocorrida em 15 de setembro de em 1991.

2.2 Uma esquerda e um partido: a presença feminina

O movimento pela sindicalização feminina no STR, iniciado em 1989, transformou não só a estrutura política que havia dentro do sindicato, dirigido por um só presidente até então, como contribuiu para efetivar uma “consciência de classe” que ainda estava em fase de concretude, tendo em vista não haver registros de outros confrontos diretos com alguma instituição de poder na cidade. Esse movimento também foi importante, pois acionou uma outra forma de luta, dessa vez institucionalizada e oficial.

Depois de muitos debates, encontros e reuniões que marcaram a década de 80, a ideia de formar um partido político ganha esboço. No Brasil já vivenciava a atuação de partidos esquerdistas e seus resultados na transformação das condições de trabalho tanto do homem rural quanto do urbano. O PT foi emblemático nesse sentido, por surgir como um partido de trabalhadores e por se encaixar nas propostas e ideologias discutidas nos grupos educativos, religiosos e sindicais nova palmeirenses. O partido surge pelo desejo de institucionalizar as práticas e legitimá-las a partir de um lugar de poder, o político.³⁵

³⁵ Segundo Paulo Nunes (2003), a formação de PT no interior da Paraíba foi complexa, pois enfrentou muitas dificuldades, a exemplo da má impressão que os políticos locais criavam sobre o comunismo, das repressões cometidas pelos mesmos para intimidar a organização de partidos de esquerda, e por, alguns partidários petistas.

Agora as lutas sociais tinham outro lugar de exercício, outras possibilidades e preocupações. À medida que construía pilares e expandiam suas expectativas, fortaleciam os sentimentos de unidade, força e coletividade de um grupo oficial de esquerda, liderado por mulheres. O registro dessa maioria feminina pode ser percebido nas listas de filiados do PT, onde a cada ano novos membros aderiam, mas sempre o número maior de assinaturas era do sexo feminino, como podemos verificar na tabela abaixo³⁶:

Ano	Mulheres	Homens	Total de filiados
1991	26	13	39
1992	31	17	48
1993	26	11	37

Tabela I – Tabela demonstrativa com base nos dados colhidos das fichas de filiação do arquivo documental do Partido dos Trabalhadores (PT).

Notamos de forma clara a maior adesão feminina, e uma oscilação de filiação masculina, ao longo dos três primeiros anos de fundação do partido na cidade, demarcando um território de atuações onde elas sempre estiveram lá, ativas, participando e perseguindo espaços de luta. A própria formação da primeira diretoria do partido tem como núcleo hegemônico as mulheres. De 11 membros, apenas 3 são homens. Entre eles Geraldo Maciel, visto pelo grupo como uma força intelectual de esquerda e influenciador efetivo na formação do PT na cidade. Em conjunto com sua esposa, Fátima Araújo, filiados ao PT palmeirense³⁷, se constituíram como personagens dessa trama esquerdista municipal:

A gente viu que muitas dessas questões só teriam resposta se você tivesse vinculado também as grandes decisões, o poder. Era importante, então, começa-se a organizar. Os movimentos sociais começaram a ter esse caráter, saindo desse caráter assistencialista e assumindo uma postura mais politizada, das necessidades, de atender

³⁶ A tabela demonstrativa foi criada a partir das listas oficiais de filiados do PT em Nova Palmeira desde o ano de sua fundação até 1993, os únicos registros com datas.

³⁷ O casal já era militante petista na capital do Estado, onde residiam. Já conheciam o PT antes da ideia chegar à Nova Palmira. A ligação com a cidade veio por serem ambos conterrâneos do município, no qual se afastaram para estudarem. Fátima Araújo lançou-se candidata a vice-prefeita pelo PT em Nova Palmeira nas eleições municipais de 1996, da qual saiu derrotada pela chapa do PFL. Essa foi a primeira chapa pelo PT a disputar o mandato de prefeita. A primeira candidatura pelo PT foi para vereadora, na pessoa de Nega Lourdes, eleita no ano de 1992, em Nova Palmeira.

as necessidades. E em cima muito do direito, porque a gente tava muito acostumado ao dever, o direito não era uma coisa priorizada.³⁸

Percebemos na fala de Fátima, a preocupação em desenvolver uma consciência para o direito do cidadão, tendo em vista estáã classe trabalhadora preocupada apenas em desenvolver o trabalho sem exigir muito das autoridades melhores salários e condições de trabalho, visando inseri-la na sociedade enquanto agente e produtor de sua história, ou seja, enquanto pessoa atuante, conhecedor dos espaços de poder a partir da exigência dos seus direitos, seja reivindicando, cobrando, fiscalizando e participando das políticas e atos públicos municipais.

Através do PT, e principalmente depois que Nega Lourdes se elegeu como vereadora pelo partido, em 1992, se viu a configuração de outras manifestações na cidade, desta vez através de diferentes mecanismos de luta³⁹, a exemplo dos abaixo-assinados, bastante corriqueiros no ano de 1995, em decorrência da falta de luz elétrica em algumas ruas e sítios da cidade. Em meio aos oito abaixo-assinados analisados entre os anos de 1994 e 1995, direcionados pelo poder político do PT na época, o de maior repercussão foi o documento direcionado ao Procurador da República, em 2 de maio de 1994, objetivando conquistar a municipalização da saúde na cidade, que segundo a fonte, estava em precária situação. Os assinantes exigiam a implantação do SUS na cidade, criado a partir da constituição de 1988, no Brasil, através dos artigos 196 e 200, pois havia uma nítida resistência por parte do Prefeito e da Secretaria de Saúde municipais em promover maior discussão sobre o assunto, de acordo com o documento.⁴⁰

Por ser um partido de esquerda, fundado no Brasil em 1980, quando a ditadura já mostrava nítida decadência, e por possuir em seu interior tendências das mais extremas oposições, como partidários da ALN, do PCB, líderes e grupos sindicalistas, fies cristãos da ala esquerdista da Igreja católica, foi alvo de duras repressões e preconceitos pelos direitistas e por grande parte da população nacional.

³⁸ Dr.^a Maria de Fátima Santos de Araújo, Araújo. Professora aposentada e pesquisadora. Entrevista realizada em Nova Palmeira, janeiro de 2014.

³⁹ Segundo Gohn (2012), as teorias e concepções sobre “luta de classe”, “revolução”, “ideologia”, surgiram na intenção de promover ações que resultassem em mudanças promovidas por uma classe trabalhadora conscientizada do seu papel e dos seus direito na configuração dos espaços sociais, tendo em vista serem provenientes de um sistema de produção.

⁴⁰ Aqui demonstra como o Partido dos Trabalhadores se colocou como uma frente de luta em relação aos poderes e práticas da direta em Nova Palmeira. O PT se tornou, na época, a direção da reivindicação, da exigência e da fiscalização do poder público.

O PT na Paraíba, fundado no período de redemocratização do país, também carregava o caráter plural de tendências em suas estruturas, recebendo enxurradas de críticas e preconceitos (NUNES, 2013).

No Estado, o caso do PT em Nova Palmeira foi peculiar. Uma cidade onde práticas patriarcais e machistas eram bastante visualizadas, a exemplo do poder público ser majoritariamente masculino, se viu a constituição de um partido de esquerda como o PT, fundando-se por direcionamentos femininos, composto em sua maioria por mulheres que procuraram estar sempre à frente das ações e efetivar mudanças através do mesmo. Entretanto, o partido não ficou ileso de receber reações negativas por parte da população. Os filiados, e principalmente as mulheres, eram conhecidos como comunistas, arruaceiros, radicais, demarcando, ainda, registros característicos de uma herança ditatorial. O exemplo mais emblemático dessas práticas repressivas foram às cartas anônimas⁴¹ destinadas as líderes partidárias contendo ameaças de morte.

Verificamos que já nos anos 90 continuava a persistir os fantasmas da Ditadura através da permanência de práticas ditatórias e repressivas. Reminiscências que, posteriormente, levaram-nas a queimarem seus jornais, livros, documentos, entre eles, as edições do *Jornal do PT* escritos pelos próprios partidários e trabalhadores da cidade. O único resquício da existência desse jornal pode ser verificado em nos versos escritos para abrir as páginas do documento:

É essa a vez “primeira”,
Você vai gostar de ler,
Que aqui em Nova Palmeira
Sai o “Jornal do PT”.

Esse jornal é verdade,
Do PT mostra a ação
Na Câmara e Comunidade
Pra toda população.

Sem autoria, porém versado e sensível como as escritas femininas em Nova Palmeira, os versos mostram o dinamismo que existia nas práticas esquerdistas na cidade por meio do uso de outras linguagens para atingir a população. As rimas realçam a ideia de “verdade” que a oposição trazia frente aos mandos do poder de direita na época, visando informar a população das ações praticadas pelo partido não só a nível

⁴¹ Das várias cartas recebidas, só tivemos acesso a uma dela, direcionada a Nega Lourdes, em 02 de agosto de 1996, pois as outras precisaram ser queimadas por medo de continuarem sendo reprimidas.

local, mas também a nível nacional, em uma possível tentativa de conquistar novos adeptos e minar com os preconceitos que existiam por parte das pessoas ao grupo. Seus representantes pretendiam aparecer como um partido de “ação” e não de desordem, utilizando espaços de poder que ocupa, como a Câmara dos Vereadores, elaborando discursos norteados pela ideia de transformação social e de compromisso com o leitor.

O Partido dos Trabalhadores atrelado às *práticas cotidianas* femininas estimuladas a partir de outros lugares na sociedade, a exemplo do CENEP, em consonância a uma *consciência* de organização e unidade que as mulheres passaram a adquirir ao longo do tempo, se percebendo enquanto *classe*, esta vista pela ótica de Thompson, possibilitou que elas não poupassem esforços para adentrar aos espaços públicos e se empoderar dos seus direitos enquanto cidadãs e trabalhadoras.

Além das práticas acionadas a partir do Clube 4-S, das organizações religiosas, do movimento de formação sindical que resultou na luta pela sindicalização feminina no STR, da fundação do PT e sua emergência na Câmara, as ações e atuações de mulheres não pararam por aqui e o Centro de Educação Popular (CENEP), se encarrega de mostrar isso. Uma ONG resultante de todas as experiências acometidas ao longo dos anos e que se mantém viva até hoje continuando a de(marcar) espaços, re(fazer) lutas e a im(plantar) novos destinos.

CAPÍTULO III

CALÇANDO SONHOS, EDIFICANDO PROJETOS

O Centro de Educação Popular, CENEP, como é mais referenciado, foi fundado no dia 21 de janeiro de 1990, em reunião no Salão Paroquial da cidade, como consta na Ata de Fundação do mesmo, no qual traz o nome de Nega Lourdes como diretora, Marizinha enquanto secretária e Edson Camargo como tesoureiro da entidade, formando a diretoria que encaminharia as atividades já desenvolvidas pelos grupos comunitários⁴². Segundo o documento, o objetivo pioneiro da entidade era o de continuar "conscientização e organizando a classe trabalhadora" na luta por melhorias na qualidade de vida.

Enquanto utilidade pública o CENEP só veio a ser reconhecido pela Câmara Municipal em 14 de novembro de 1992, pelo projeto de Lei Nº 13/92, dois anos depois de sua fundação, e em 6 de dezembro do referido ano, pela Prefeitura, informações que nos leva a pensar que havia uma resistência por parte dos líderes políticos em aceitar a atuação do centro na comunidade, uma vez que este – o centro – foi resultado dos inúmeros combates sociais que lá incidiram e tiveram repercussões contrárias as dos dirigentes administrativos, demarcando mais uma vez a existência de campos rivais que persistem em se digladiarem ao logo da década de 90.

Como analisamos nos capítulos anteriores, os trabalhos com grupos comunitários já existiam desde os anos 70 na cidade. *Práticas*, e entre elas estavam atividades com artesanato, música, teatro popular, teatro de mamulengos, formação sindical, passam a ser “calçadas” a partir de uma sede, ou seja, de um espaço físico, fortalecendo um ideal de unidade fixa, acomodando em pilares todas as insatisfações, desejos e sentimentos de pessoas que insistiam em continuar mudando o cenário social, político e econômico de Nova Palmeira.

O centro surgenão só como uma espécie de “guarda-chuva” das atividades já desempenhadas pelos grupos de base, mas também comomecanismo para institucionalizar as insatisfações sociais e criar um lugar de poder para reivindicar melhorias para a população. O CENEP “edifica” o que ainda estava sem sustentação,

⁴² A fundação do CENEP foi resultado da reunião de práticas já desenvolvidas pelas equipes comunitárias e pela formação de um movimento de oposição sindical na cidade. Trabalhos e mobilizações que emergiram frente às carências sociais do município de Nova Palmeira, onde tem como protagonistas as mulheres.

uma vez que, a Igreja, com o passar do tempo, foi se desvinculando dos trabalhos à medida que seus interesses e posicionamentos divergiam com os listados pelas lideranças comunitárias, estas que também passaram a se organizar a partir de outros lugares de ação, enfatizando interesses políticos acima dos religiosos. Dessa forma, viu-se a necessidade de ambientar práticas em outro espaço, por vez autônomo, alheio a situações de inconstâncias também políticas, sociais e econômicas.

A Igreja foi se afastando. Porque a Igreja começou a questionar o CENEP... Que a gente estava fazendo as coisas paralelas, que num tava marcando, então a estrutura da gente não coube, a gente não cabia mais dentro da estrutura da Igreja, que era mais de reza, que era mais de... Então a gente tinha que buscar outros caminhos, então foi através daí que surgiu o CENEP, pra dar cobertura a esses movimentos.⁴³

A divergência de interesses é percebida na fala de Nega Lourdes, que demarcada o distanciamento que passa a acontecer entre a ONG e a Igreja. À medida que as mobilizações protagonizadas por mulheres iam ganhando contornos de caráter cada vez mais políticos, visando conquistar outros campos de batalha, a exemplo do PT e da ONG, espaços de poder, que não apenas o espaço religioso. Dessa forma, à medida que a Igreja e a equipe formadora do centro se questionavam sobre as decisões tomadas em torno dos trabalhos comunitários, crescia a fragilidade da relação entre ambos, afetando o diálogo entre os trabalhos desenvolvidos pelas duas instituições, ocasionando o rompimento definitivo.

Entretanto, o viés doutrinário cristão ainda continuou presente em todas as atividades desenvolvidas pelo centro, uma vez que as mulheres atreladas a ONG ou eram ex-participantes ou que continuavam na organização de grupos religiosos, ainda tentavam manter as tradições dos rituais religiosos: as orações na iniciação das atividades; as cantorias religiosas para os encontros, as festividades e comemorações das datas especiais, entre elas folclóricas e religiosas.

Através de ofícios coletados do acervo documental do CENEP, percebemos que o centro teve contribuições de algumas entidades estrangeiras, a exemplo da **Ação Ecumênica de Solidariedade com a América Latina**, com sede na Holanda, destinada a contribuir com as carências sociais no continente latino-americano, da **Memisa Medicus Mundi**, com sede em Rotterdam, também na Holanda, durante a década de 90, da **Solidarität mit Brasilien**, com sede em Campo Limpo-SP, do **KAP**

⁴³Maria de Lourdes Gomes de Lima. Professora aposentada e coordenadora geral do Centro de educação Popular (CENEP). Entrevista realizada em Nova Palmeira, maio de 2014.

Programe (Programa de Pequenos Projetos da Embaixada), instituição da Embaixada do Reino dos Países Baixos, com sede em Brasília e da **APIBIMIONlus**⁴⁴, uma associação italiana que investe no cuidado educacional de crianças carentes.

A partir dos referidos órgãos financiadores, as atividades desenvolvidas pela CENEP voltavam-se para práticas sociais assistencialistas, dirigindo-se tanto para a população urbana quanto para a rural. Na educação contribuíam através de reforços escolares para as crianças carentes; também visavam preparar profissionalmente jovens e adultos através de cursos de corte e costura, cursos de culinária (produção de doce para as mulheres), vislumbrando ajudar economicamente na renda familiar; na saúde, realizando palestras e seminários sobre assistência à saúde e sobre o Sistema Único de Saúde (SUS).

Dessa forma, imprimimos uma cartografia das práticas continuadas e introduzidas a partir do CENEP, como um exercício não só de pensar as transformações acometidas no cenário social de Nova Palmeira, mas também visando historicizar as próprias mudanças identitárias pela equipe formadora do centro, ao longo desde sua funcionalidade em 1989 até 1995, temporalidade na qual a ONG permanece sobre a organização das atividades em torno da educação, formação sindical e saúde.

3.1 CENEP: Uma cartografia possível



Imagem 4 - Retrato do “Encontro de Mulher”, ocorrido no Centro de Educação Popular (CENEP), com o apoio da Estadual de 1º Grau Antônio Coelho Dantas, na cidade de Nova Palmeira-PB, em 10 de março de 1991(FONTE: Acervo fotográfico do CENEP).

⁴⁴ Esta instituição contribui com o CENEP desde 1993 até os dias atuais no projeto voltado a educação de crianças da zona rural e da zona urbana.

No dia 10 de março de 1991 aconteceu o encontro em homenagem ao *Dia da Mulher*, na recente sede do CENEP, construída no começo do referido ano⁴⁵, na qual a fotografia faz referência. Na imagem, um cartaz ao fundo com a figura de Margarida Maria Alves⁴⁶ explicitando a admiração do grupo em relação à líder camponesa e sindicalista, que se tornou ícone e mártir de luta para todos os trabalhadores do campo envolvidos nas lutas sindicais.

A cena fotografada além de nos remeter a uma forma de organização concisa, com a participação de um número considerável de mulheres, entre elas trabalhadoras rurais, mães das crianças assistidas pelas atividades do CENEP, professoras, donas de casa, agentes pastorais, acionando a ideia de ser um grupo ativo e participativo, efetivando a ideia de unidade e consciência pregadas nos grupos comunitários.

Ainda com base na referida fotografia, podemos contemplar o interior da sede construída em 1991, um prédio no qual serviu como espaço para a realização de diversos trabalhos, encontros e manifestações ao longo da história dos movimentos sociais em Nova Palmeira. Antes da sua edificação o centro não possuía um espaço estável, caminhando de casa em casa, de aluguel em aluguel:

A gente começou na casa paroquial, não tinha sede no começo, começamos ali na casa paroquial, depois o povo da Igreja começou a reclamar, reclamar, reclamar porque a gente tava ocupando os espaços da casa paroquial, e depois a gente conseguiu alugar uma casa... Aí começaram os projetinhos bem pequenininhos, fomos fazendo os projetos. Já existia o trabalho. Aí fizemos um projeto pra construir a sede que a gente precisava de um local maior pra fazer os encontros, pra fazer os seminários, aí foi quando a gente conseguiu pra construir a sede do CENEP.⁴⁷

⁴⁵ É interessante percebermos como a ONG passa a exercer um papel não apenas assistencialista, mas também enquanto contribuinte na transformação do espaço urbano da cidade, uma vez que, com a construção da sede, se ordenou uma série de fatores que melhoraram a ambientação da rua onde se localiza, a Rua Francisco Bezerra de Medeiros, propiciando maior movimentação, iluminação, entretenimento em dias festivos, pois era na calçada do edifício que as confraternizações aconteciam, permitindo o acesso visual não apenas aos moradores da rua, mas a população no geral que se sentia atraída em assistir as apresentações e atividades que a equipe promovia. Hoje o CENEP possui cinco estruturas físicas na cidade.

⁴⁶ Margarida Maria Alves foi camponesa, líder de trabalhadores rurais e presidente do Sindicato Rural de Alagoa Grande. Faleceu em 12 de agosto de 1983, “vítima de uma emboscada patrocinada por usineiros e latifundiários do Brejo paraibano.” (FERREIRA, 2010. p. 21)

⁴⁷ Maria de Lourdes Gomes de Lima. Professora aposentada e coordenadora geral do Centro de Educação Popular (CENEP). Entrevista realizada em Nova Palmeira, maio de 2014.

Na fala da depoente, em conformidade com a documental analisada, se percebe que havia fortes fragilidades financeiras para estabelecer o centro⁴⁸, bem como dificuldades de aceitação de suas práticas em outros espaços, a exemplo da casa paroquial, que ao longo do tempo foi demonstrando insatisfação. À medida que as práticas se ampliavam, surgia a necessidade de conquistar um “território” próprio, autônomo, alheio as intemperes dos espaços nos quais as atividades aconteciam antes da sede. Diante destas dificuldades, a equipe elaborou pequenos projetos com o objetivo de levantar fundos para a construção de uma sede própria.

O primeiro benefício financeiro conquistado para a construção da sede veio do KAP (Programa de Pequenos Projetos), entidade do Canadá, por meio da Embaixada do Reino dos Países Baixos, com sede em Brasília, em meado de 91⁴⁹. O contato com essas entidades eram proporcionados, em geral, pela ligação do CENEP com instituições da cidade de Campina Grande, como o CENTRAC (Centro de Ação Cultural), a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o Sebrae(Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas da Paraíba).

De acordo com a documentação pesquisada, as atividades registradas enquanto CENEP datam desde 1989. O relatório, do dia 4 de agosto do referido ano, já registra as atividades do primeiro semestre de 89, como peças teatrais, formação sindical, organização de grupos litúrgicos e animadores, produção de remédios caseiros (fitoterápicos), com intuito de apresentar o que fora desenvolvido pela equipe até então. Isto nos levando a pensar que já existia uma unidade de projetos comunitários que impulsionava as lutas sociais e buscava melhoria para a sociedade.

Nos anos 90, notamos uma reorganização das atividades desenvolvidas pelo centro, agora divididas por temas, sendo eles: sindicalismo, educação e saúde. O que nos leva a pensar que a atuação da entidade visava atender não a apenas uma direção de exercício, mas sim os possíveis setores sociais mais carentes da população.

3.1.1 Sindicalismo

⁴⁸ As contribuições para o desenvolvimentos das atividades antes da construção do prédio viam tanto dos salários pessoais da equipe quanto pelo apoio do Padre Lorenzo Renna que atuou na cidade durante quatro anos e deu força para a permanência das práticas.

⁴⁹ O primeiro benefício financeiro para a construção da sede foi desembolsado pelo KAP (Programa de Pequenos Projetos), entidade do Canadá, por meio da Embaixada do Reino dos Países Baixos, com sede em Brasília, em meado de 1991.

No que tange as práticas de formação sindical, realizadas a partir do centro, verificou-se a existência de encontros e reuniões para discutir o lugar dos trabalhadores, em especial os do campo, na configuração social, apresentando seus deveres e os conscientizando dos seus direitos. Todo esse trabalho resultou na luta sindical feminina, já discutida anteriormente, no movimento de oposição frente à diretoria do STR, que permanecia a mesma há mais de 20 anos, e na conquista do SIMPUC (Sindicato dos Servidores Públicos dos municípios do Curimataú) para Nova Palmeira, fundado em 12 de dezembro de 1992⁵⁰, por meio da articulação entre CENEP, PT e STR, demarcando mais um novo campo de ação institucionalizado.

“Nova Mulher” foi o tema de um dos primeiros projetos elaborados pelo CENEP que proporcionou uma efetivação maior dos trabalhos com educação, envolvendo principalmente jovens e adultos tanto da zona rural quanto urbana. O título já nos permite vislumbrar a ideia de transformação inserida na mentalidade das mulheres envolvidas no centro. Segundo o relatório⁵¹ de atividades enviado a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços – Salvador, BA), entidade financiadora do projeto, os trabalhos foram desenvolvidos de maio a outubro de 1991, sendo eles: corte e costura, artesanato, alfabetização de jovens e adultos⁵², e encontros de formação sobre saúde da mulher.

O projeto que visava atingir cerca de 150 mulheres só conseguiu alcançar 40, sendo 15 da equipe. De acordo com o registro os motivos seriam o “machismo que impede uma maior participação das Mulheres; opressão do poder local; miséria muito grande; descrença do povo nas organizações populares; falta de recursos humanos” (Relatório de Atividades do CENEP, 30 de novembro de 1991).

Entretendo, notamos que as mulheres assistidas foram mudando os seus posicionamentos dianteas suas comunidades, pois ao contribuir com a renda familiar através de “novas” técnicas (corte e costura e produção de doces), elas adquiriram certa autonomia em relação ao marido, uma vez que podiam “produzir” seu próprio sustento. Dessa forma, notamos linhas expressivas de empoderamento por parte dessas mulheres frente ao domínio masculino. O que nos leva a pensar que enquanto unidade, o centro efetiva mudanças no social da cidade.

⁵⁰ Informações extraídas da Ata de Fundação do SIMPUC municipal.

⁵¹ CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR. Secretaria de Comunicação da entidade. Relatório de Atividades. Nova Palmeira, 1991.

⁵² O CENEP produziu apostilas para serem entregues durante as atividades com alfabetização, a exemplo das cartilhas *Mutirão, Luta e Vida e Educação, Resistência, Vida*, organizadas em 1991, pelos Núcleos de Alfabetização de Jovens e Adultos, equipe destinada para promoção da atividade.

Outros projetos como “*Articulação, Produção e Troca de Experiências*”, de 19 de outubro de 1991, “*Sindicato de Trabalhadores Rurais Lutando pela sobrevivência – Caprinocultura, Apicultura e Algodão*” (1991), “*Mulher, saúde e vida*”(1991), “*Apicultura*” (1993), “*Mulher, Luta e Vida*” (10 de julho de 1995), foram elaborados e enviados a organizações financiadoras, na expectativa de agarrar recursos e expandir o trabalho não só a nível urbano mas especialmente a nível rural, com direcionamento a mulher e a formação de uma consciência sindical, como podemos verificar a partir dos títulos apresentados. Os projetos, ora aprovados ora rejeitados, viabilizaram não só o encaminhamento e sustento das atividades, como permitiu a articulação de outras práticas, a exemplo de palestras, seminários e encontros.

Segundo os documentos pesquisados, no começo dos anos 90 os eventos e reuniões estavam mais direcionados ao campo e ligados a questão feminina. Encontros como “A mulher em busca da libertação”, para comemorar o dia 25 de junho, dia do Trabalhador Rural, intitulado “Sem Reforma Agrária não há democracia”, ocorrido no dia 25 de julho de 1990. O centro também registrou participação em eventos ocorridos em outras localidades, com o “Encontro sobre o alcance das Ações Emergenciais no momento da SECA e as alternativas para o Semi-Árido”, que aconteceu em Ouricuri-PE, nos dias 6 a 8 de novembro de 1994.

Sobre a atuação do CENEP junto aos trabalhadores, sua interferência não se restringiu apenas ao município de Nova Palmeira. Os documentos mapeiam atuações nos municípios de Cubati e Pedra Lavrada, a partir de reuniões⁵³ que sistematizavam os percursos do CENEP frente à questão. Durante o ano de 1991 o eixo problemático dos encontros girava em torno de formar uma Oposição Sindical nos municípios referenciados, no direcionamento das equipes de apoio para os STR e os Polos Sindicais, na elaboração de projetos para construção de poços e cisternas nas comunidades, e discutir acerca da escassez de água, uma vez que se vivia um período de forte estiagem, visando coletar ideias para minimizar com os problemas.

Enquanto ONG financiada, o CENEP produziu muitos relatórios que asseguravam aos seus financiadores a realização das atividades. Muita documentação foi encontrada seguindo essa perspectiva de registrar o que se fazia. O que verificamos foi um intenso ativismo por parte das mulheres em se manterem inseridas nas atividades, e conseqüentemente na sociedade, por meios de cursos, palestras, festividades, com programas que viabilizassem a construção de poços, assegurando o agricultor do seu

⁵³ As reuniões aconteciam tanto na cidade como nos sítios de maior atuação a nível municipal.

assistencialismo, além de continuar penetrando na ideia de formar pessoas que fizessem oposição aos poderes públicos.

Além da documentação analisada do CENEP, encontramos registros pessoais e uma gama de produções artísticas produzidas por mulheres. Poesias como “À Mulher”, escrita em março de 1990, “Terra, êxodo e cativo”, de julho de 1990, a música “Toada das Violeiras”, composta em janeiro de 1991 para a campanha sindical em Cubati, as paródias “O que será, o que será?” e “Um novo amanhã”, também direcionadas as mobilizações nesta cidade, são alguns exemplos, nos permitindo vislumbrar o dinamismo a qual as práticas estavam inseridas, uma vez que as discussões tanto eram expositivas, através de palestras, como eram declamadas e cantadas.

3.1.2 Educação

O CENEP enquanto resultado da reunião de práticas sociais atingiu não só a mulher e o homem do campo, mas também suas crianças e jovens (urbanos e rurais), com suas atividades e projetos.

Seguindo o que analisamos das fontes, o projeto mais emblemático e de maior amplitude de ação foi “Nossas Crianças”, desenvolvido a partir de 1993 com o financiamento da APIBIMI, chegando a assistir mais de 60 crianças. A intenção era trabalhar teatro, reforço escolar e alimentação com as crianças e adolescentes mais carentes do município. Peças teatrais organizadas por mulheres em torno da infância eram montadas, o reforço escolar era promovido por mulheres⁵⁴, ora voluntárias ora bolsistas pelo projeto, algumas professoras e outras porque apresentavam certo conhecimento, sendo levadas, inclusive, a participar de cursos de capacitação, contribuindo para melhorar o desempenho dos alunos nas escolas, os estimulando a participar de brincadeiras, festividades e alimentação. Com a aprovação da proposta, o Centro passou a oferecer café da manhã e almoço aos assistidos, permitindo-os passar bastante tempo envolvidos nas atividades.

No Brasil, ao longo dos anos 90, a educação foi motivo de muitos fóruns voltados a discutir e impulsionar políticas públicas, federais e estatais, a investirem no campo educacional, bastante sucateado e ainda com um número considerado de analfabetos. Passávamos por um período de políticas neoliberais e por isso muitas

⁵⁴ Embora notamos a presença majoritária do trabalho feminino na ONG, alguns homens também participaram ativamente, a exemplo do enfermeiro Edson Camargo, que esteve à frente dos trabalhos área da saúde desde a fundação do centro.

frentes reivindicatórias foram criadas, a exemplo de movimentos de mulheres em prol da participação política, da conscientização de direitos e da luta contra discriminações raciais e de gênero. As ONGs vão se constituir, nesse período, como importantes instituições sociais em combate as fragilidades da sociedade, em especial na educação. (GOHN, 2012)

Nessa perspectiva, o CENEP investiu em projetos que viabilizassem investir nas crianças e adolescentes, com a intenção de retirá-los dos trabalhos domésticos e braçais, fornecendo espaços de entretenimento e aprendizagem, uma vez que no município não havia práticas alternativas de divertimento para esse público, evitando com isso o uso de drogas, estimulando a educação e melhorando as refeições daqueles que não tinham acesso a uma boa alimentação.

O trabalho se expande também para jovens e adultos ainda alheios às produções sociais, através de práticas artesanais e alfabetização. No ano de 1991 o centro oferece um “curso” para alfabetizar Jovens e Adultos. Nas cartilhas⁵⁵ desenvolvidas para os encontros, visualizamos que além de se preocuparem em alfabetizar, as professoras buscavam conscientizar os assistidos da importância de se inserirem socialmente e exigirem seus direitos, o que podemos caracterizar como uma marca da herança deixada pelos movimentos populares que na cidade se formaram.

As reuniões com os grupos de jovens demarcam desde 1988, com a elaboração de peças teatrais, a exemplos de “O Circo” e “Política Atual”, ambas escritas em 27 de agosto de 1988, e em junho de 1991 com a peça “Casamento Matuto”, em celebração ao São João. Em 6 de julho de 1992 acontece o encontro intitulado de “Para que serve a camisinha”.

No ano de 1993 o CENEP realiza o “Encontro Cultural”, mesmo ano que aconteceu a “Segunda Oficina de Teatro Popular de Nova Palmeira”, no Salão Paroquial da cidade. Estes foram alguns dos exercícios realizados através da ONG e dos seus financiadores na promoção educacional e profissional de crianças, jovens e adultos.

Percebemos que o processo realizado no campo da educação pelo centro não foi apenas para inserir os assistidos no espaço social palmeirense e oferecer-lhes oportunidades de crescimento, mas também de fortalecer o ideal de formação de uma mentalidade voltada para reivindicar direitos e exigir deveres, seja alfabetizando e dessa forma dando poder de informação aos adultos ainda alheios ao anonimato da escrita, seja alimentando e reforçando crianças e jovens carentes, permitindo-lhes outros

⁵⁵ Relatório do Projeto de Alfabetização, Campina Grande-PB, junho de 1991.

espaços de diversão e conhecimento, seja no reforço a cultura através das peças teatrais e das festividades e datas comemorativas.

3.1.3 Saúde

Como foi percebido anteriormente, uma das grandes carências no município de Nova Palmeira se localizava na saúde, motivo que mobilizou a ONG a investir também nesse setor através da produção de remédios caseiros⁵⁶. Como não havia médico no município e as doenças mais comuns como gripe, tosse, má digestão, pequenas inflamações, eram corriqueiras e a população mais carente não tinha poder aquisitivo para comprar medicamentos em farmácias, o CENEP, através do enfermeiro Edson Camargo, estudioso de plantas, investiu na produção desses fitoterápicos feitos a partir de plantas medicinais da região.

Seguindo nessa perspectiva, a ONG também fez interferências a partir da alimentação, uma vez que passou a oferecer refeições durante a execução das suas atividades. Alimentos baseados no consumo de verduras e legumes produzidos em pequenos hortos pela sua própria equipe.

Através dos relatórios de atividades, nota-se que entre 1990 e 1992 a equipe organizou inúmeros encontros, reuniões e seminários para discutir junto à população os problemas da saúde no município. Entre abril até meados de maio de 1991, a ONG promoveu reuniões com várias comunidades rurais, a exemplo do sítio Corujinha, em 21 de abril, no sítio Cantinhos, no dia 22 de abril, na comunidade Porteiras (território de maior atuação de Mocinha), em 5 de maio, e no sítio Navio, no dia 12 de maio.

Na cidade as discussões sobre saúde eram articuladas com outras problemáticas, a exemplo dos encontros “Saúde Sexual para Pais, Adolescentes, Jovens e Professores”, ocorrido entre de 15 e 16 de junho de 1990 e “Doenças Comuns na região e Remédios Caseiros”, realizado em 01 de julho do mesmo ano. Os referidos encontros objetivavam esclarecer e alertar a população acerca das seguintes questões: informá-los sobre as doenças venéreas, formas de contaminação e possibilidades de cura. Mas, especialmente, oferecer alternativas caseiras no tratamento de doenças, uma vez que a população, em sua maioria pobre, não tinha condições de comprar medicamentos mais caros.

⁵⁶ Os remédios continuam a serem produzidos pela ONG.

Ainda sobre o ano 1991, as discussões se centravam na “Saúde da Mulher” e “Saúde Popular”, temas de alguns dos encontros registrados pela ONG, no mês de julho, nos dias 14 e 27, respectivamente. Segundo as pautas das reuniões, o objetivo era discutir problemáticas que viabilizassem a fundação de um Conselho Municipal de Saúde(CMS), com vistas a fiscalizar, promover e contribuir nas práticas públicas desse setor.

Isso é interessante à medida que nos leva a refletir sobre como o CENEP, representado por mulheres, procurava incidir nas carências sociais do município, através da penetração de seus representantes em outros lugares de poder. A ONG, neste caso, seria como um pilar para organizar os grupos, entretanto não o único caminho de atuação.

As discussões em torno da formação de um Conselho surgem ainda em 1991, de acordo com os registros documentais. Um deles é o relatório do primeiro encontro sobre o CMS, intitulado “I Encontro de Mulher e Saúde: organização e luta na região do Curimataú-Paraíba”, promovido pelo centro com o apoio da Memisa, nos dias 21 e 22 de setembro. O título do evento já nos faz algumas revelações: primeiro que toda a temática estava vinculada à questão feminina enquanto “sujeito” disposto a lutar por seu empoderamento, reforçando a ideia de organização dos participantes na luta a favor de uma saúde melhorada, bem como revelando a participação não só a nível local mas também a nível regional, uma vez que as cidades **Soledade, Pedra Lavrada, Cubati e Nova Floresta**, com representantes tanto da zona urbana como da zona rural, estavam presentes, mostrando ser não só uma preocupação particular mas também a nível de região.

O CENEP participava de encontros nas outras comunidades, a exemplo da cidade de Cubati, que promoveu em 22 de setembro de 1991 um debate sobre a implantação do SUS (Sistema Único de Saúde), existente no Brasil desde 1988, e em Recife, no “Encontro Regional de Saúde”, ocorrido entre 7 a 10 de novembro de 1991.

Ao longo do ano de 1992 as discussões continuavam, abordando doenças, o “Encontro sobre a Cólera”, é um exemplo disso e aconteceu tanto no dia 11 de março, quanto no mês de outubro, com a participação dos alunos da Escola Estadual de 1º Antônio Coelho Dantas.

Em 1993 acontece a “I Semana de Saúde Popular de Nova Palmeira”, ocorrida entre os dias 30 de agosto a 04 de setembro, no Salão Paroquial da cidade, um espaço mais amplo do que a sede do CENEP, nos levando a pensar ser um encontro de maior

amplitude de público e participação, organizado pela ONG e pela Escola Estadual de 1º Grau Antônio Coelho Dantas, da qual algumas professoras atuantes do centro faziam parte. Para este evento Marizinha compôs a música “Fazendo a Prevenção e Cantando a Saúde” (1993) em consonância a cartilha intitulada “Vamos Lutar em Defesa da Saúde Pública”(março, 1993), elaborada para mediar todo o encontro.

Com o passar do tempo, o trabalho foi se expandindo e criou-se o Conselho Municipal de Saúde em 1994⁵⁷. Os ciclos de debates se alargavam à medida que o grupo de conselheiros insidia frente as práticas realizadas pelos poderes públicos e secretariados, fiscalizando, reclamando e participando dos programas, das reuniões e decisões do setor.

Durante o ano de 94 as atividades no campo da saúde foram encaminhadas pelos projetos “Saúde, Luta e Vida” e “Água, fonte de vida”, ambos voltados para a construção de cisternas e barreiros/trincheiras nas comunidades que mais sofriam com a seca que perdurava pelos anos 90 no Nordeste. Ao longo da análise de toda a documentação que registra o papel desses projetos para comunidade por meio do CENEP, percebeu-se que dificuldades não faltavam, a começar pelas barreiras impostas pelo poder público, delimitando, ainda, um enfrentamento entre ambas as instituições, desemprego feminino, pequena infra-estrutura para a quantidade de pessoas que passavam a serem assistidas ao decorrer dos anos, frágeis recursos financeiros para melhorar o desempenho das atividades, uma vez que os projetos eram a curtos prazos.

Em 1995 aconteceu o “I Ciclo de debates sobre Conselhos Municipais de Saúde do Curimataú”, em Nova Palmeira-PB, no dia 18 de agosto, para discutir o trabalhos desenvolvidos pelos conselhos frente à saúde de cada município. Neste encontro participaram representantes das cidades de Nova Palmeira, Cubati, Soledade, Pedra Lavrada, que já demarcavam articulações entre si, acrescentando os municípios de Cuité e Juazeirinho.

Dessa forma, verificamos um forte dinamismo nas discussões em torno da saúde a nível de região, nas quais resultaram em mudanças, a exemplo da formação do Conselho Municipal de Saúde, municipalizando o setor. Além disso, nota-se que até meados dos anos 90, as atividades realizadas pela ONG seguiam os mesmos direcionamentos, só que acionando outros lugares de poder ao longo desse período.

⁵⁷ Essa criação foi problemática ao passo que aconteceu, segundo documentos do CENEP, a “portas fechadas” na Prefeitura entre o juiz da Comarca de Picuí, o Prefeito e a secretária de Saúde. De acordo com o documento, as assinaturas de formação do conselho foram sobre “vistas” do então promotor sem a menor explicação dos tramites legais do processo.

Criado em 1989, o Centro de Educação Popular constituiu-se como um espaço de formação modelado a partir do olhar feminino e sensível sobre as carências sociais de Nova Palmeira, incidindo transformações não só no seu espaço em particular e nas pessoas assistidas, mas também em outras localidades, apoiando e articulando-se a partir das mesmas carências sociais percebidas.

A atuação do CENEP junto aos trabalhadores rurais, resultando na sindicalização feminina e na vitória da chapa de oposição no STR, em consonância aos trabalhos desenvolvidos na *educação*, alfabetizando adultos, reforçando o conhecimento das crianças e permitindo aos jovens participar de cursos de teatros, bem como relacionados às atividades voltadas a *saúde*, com representantes no Conselho Municipal de Saúde e distribuindo remédios caseiros a população mais carente, nos permitiu contemplar uma atuação contínua, efetiva e diferencial da entidade, pois incidiu, e continua a incidir, diretamente nas carencias sociais existentes na cidade, contribuindo para melhorar a vida da população.

CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, com as discussões tecidas acerca das experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira, verifica-se que em meio a um universo de poder hegemonicamente masculino, elas, se organizaram em grupos, partido político e instituições, e protagonizaram movimentos que implicaram em mudanças, fazendo parte de um cenário de transformações que passava a cidade entre as décadas de 80 e 90.

A partir dos depoimentos de quatro mulheres (Nega Lourdes, Marizinha, Mocinha e Tedinha) em detrimento a análise das demais fontes coletadas, nos foi possível construir narrativas que asseguram a participação das mesmas na organização e transformação dos cenários social e político da cidade.

A pesquisa também possibilitou demarcar no Estado da Paraíba outros espaços de atuações e experiências de mulheres a frente de movimentos sociais, possibilitando um alargamento na historiográfica sobre o tema, que ainda encontra-se fragilizada, trazendo leituras apenas em torno das figuras de Elisabeth Texeira e Maragarida Maria Alves. Dessa forma, este trabalho contribui para a história pois aborda diferentes narrativas, bem como sujeitos (in)comuns.

De 1985 a 1995, vislumbramos uma cartografia de atividades, encontros, reuniões e palestras promovidas pelos grupos comunitários, dirigidos por mulheres, configurando uma teia de relações e disputas no meio social, reconhecendo, a partir de nossas análises, experiências que as levaram a prática política, constituinte de novos papéis e espaços para elas.

Dessa maneira, é importante reforçarmos a riqueza política constituída pelas mulheres na cidade por meios de experiências, lutas e práticas cotidianas, colocando em debate a importância do seu papel e da sua função na sociedade.

Por fim, mesmo que este trabalho ainda tenha deixado muitas lacunas – lacunas também deixadas por fontes ainda não visitadas, falas que continuam no silêncio – esperamos que esta análise venha contribuir historiograficamente com o tema das relações de gênero ou, pelo menos, conceda visibilidade para algumas das histórias narradas e personagens femininas ainda pouco conhecidas. Aqui não se constitui enquanto fim, mas um começo de uma longa jornada de pesquisa sobre a participação feminina na transformação social e política não só de Nova Palmeira, mas também pelo território paraibano.

FONTES

Arquivos

Arquivo do Sindicato Rural dos Trabalhadores do município de Nova Palmeira – Paraíba.

Arquivo Público da Câmara Municipal de Nova Palmeira – Paraíba.

Arquivo do Centro de Educação Popular (CENEP) – Nova Palmeira, Paraíba.

Arquivo Público do Partido dos Trabalhadores – Nova Palmeira, Paraíba.

Arquivo Particular de Luiza Marques dos Santos – Sítio Porteiras, Nova Palmeira, Paraíba.

Arquivo Particular de Maria da Paz Bezerra de Medeiros – Nova Palmeira, Paraíba.

Arquivo Particular de Maria de Lourdes Gomes de Lima – Nova Palmeira, Paraíba.

Entrevistas

Luiza Marques dos Santos. Agricultora aposentada. Entrevista realizada em Nova Palmeira, dezembro de 2013.

Maria de Lourdes Gomes de Lima. Professora aposentada e coordenadora geral do Centro de Educação Popular (CENEP). Entrevista realizada em Nova Palmeira, maio de 2014.

Terezinha de Jesus Medeiros. Professora aposentada e educadora pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Entrevista realizada em Nova Palmeira, março de 2014.

Maria da Paz Bezerra de Medeiros. Professora aposentada. Entrevista realizada em Nova Palmeira, janeiro de 2014.

Dr.^a Maria de Fátima Santos de Araújo. Professora aposentada e pesquisadora atuante. Entrevista realizada em Nova Palmeira, janeiro de 2014.

Documentos do Arquivo do Sindicato Rural dos Trabalhadores do município de Nova Palmeira – Paraíba (1977 a 1995).

Termo de Abertura do Livro de Registro dos Associados do Sindicato Rural. Nova Palmeira-PB, 24 de novembro de 1977.

Livro de Registro dos Associados.

Fichas de associação das primeiras mulheres associados com direitos.

Ata de Cerimônia de Posse de Antônio Pereira Dantas como presidente do Sindicato, em 2 de fevereiro de 1992.

Documentos Arquivo Público da Câmara Municipal de Nova Palmeira – Paraíba (1992 a 1995). Livro de atas de reuniões (1992).

Livro de atas de reuniões (1993).

Fotografias.

Documentos Arquivo do Centro de Educação Popular (CENEP) – Nova Palmeira, Paraíba (1989 a 1995)

Relatórios de Atividades (1989 a 1995).

Ofícios enviados as entidades financiadoras (1991 a 1995).

Ata de criação do CENEP (21 de janeiro de 1990).

Projeto de Lei Nº 13/92 que reconhece o CENEP assinado pela Câmara Municipal (6 de dezembro de 1992).

Projeto de Lei Nº 13/92 que reconhece o CENEP assinado pela Prefeitura (14 de dezembro de 1992).

Cartilhas.

Fotografias.

Documentos Arquivo Público do Partido dos Trabalhadores – Nova Palmeira, Paraíba (1992 a 1995)

Registro da formação do Diretório Municipal do PT em Nova Palmeira-PB (09 de julho de 1992).

Cartilha: *Passo a Passo organizando o PT – Rumo a 94*. Lula Presidente. Secretaria Estadual de Organização (Outubro de 1993).

Credencial de Fiscal da candidata à vereadora Nega Lourdes (03 de outubro de 1994).

Pauta de Orientação para os Encontros Municipais de Orientação do PT (Nova Palmeira-PB, 18 de junho de 1995).

Ofício e Ata do Encontro Municipal de Orientação ao Diretório Regional do PT (Nova Palmeira-PB, 26 de junho de 1995).

Documentos Arquivo Particular de Luiza Marques dos Santos – Sítio Porteirias, Nova Palmeira, Paraíba (1989 a 1992)

Cadernos de rascunho (1989 a 1992)

Contos e poesias (1991 a 1992)

Documentos Arquivo Pessoal de Maria da Paz Bezerra de Medeiros – Nova Palmeira, Paraíba

Paródias e poesias (1991 a 1993).

Arquivo Particular de Maria de Lourdes Gomes de Lima – Nova Palmeira, Paraíba (1969 a 1993)

Documentos referentes ao tempo de trabalho na Câmara Municipal (1969 a 1973).

Portaria da Câmara Municipal: Licença Prêmio (02 de maio de 1980).

Certidão de conclusão do Curso de Formação de Professores, a nível de 2º grau de ensino, pelo Projeto LOGOS II (08 de agosto 1980).

Relatório Final do Estágio Supervisionado da disciplina de Prática de Ensino em História. Universidade Regional do Nordeste. Departamento de Ciências Sociais (Campina Grande, setembro de 1985.1).

Documentos referentes ao tempo de trabalho na Prefeitura Municipal (1968 a 1969).

Documentos referentes ao tempo de trabalho na Escola Estadual de 1ª Grau Antônio Coelho Dantas (1989 a 1993).

Correspondências.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. – 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o Sindicalismo Rural: lutas, partidos, projetos**. – 2. ed. – Recife : ed. Universitária da UFPE, 2012.

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Das passeatas estudantis às lutas dos trabalhadores rurais, 1968 em Pernambuco**. Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica - N. 26-1, 2008 (pp. 171-190).

ALMEIDA, Cosma Ribeiro. **A participação do feminino na política paraibana: mudanças culturais no interior do nordeste brasileiro**. Salvador-BA, 07 a 10 de agosto de 2011.

ABATH, R. J. **Os grupos de mulheres no Estado da Paraíba na conjuntura de novos espaços: um estudo de caso**. Trabalho apresentado no Primeiro Encontro da Rede de Pesquisas sobre o Terceiro Setor da América Latina e Caribe do ISER. Rio de Janeiro, 22 a 24 de abril de 1998.

CÁLAS, B.; SMIRCICH, L. **Do Ponto de Vista da Mulher: Abordagens Feministas em Estudos Organizacionais**. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. e NORD, W.R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais – Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. – 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na igreja e na política**. – 1 ed. – São Paulo : Outras Expressões, 2011.

DABAT, Christine. ABREU E LIMA, Maria do Socorro (Orgs.). **O mundo dos trabalhadores e seus arquivos – Nordeste**. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013. Viii, 243 p. – (Série Extensão).

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres: As vozes do silêncio**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Orgs.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 220.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos) 9 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010. (p. 241-277; 510-553; 578-606; 640-668)

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves: entre o velho e o novo sindicalismo rural** – Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição** – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOMES, Leonardo Ribeiro. **“Progredir sempre” – Os jovens rurais mineiros nos Clubes 4-S: Saber, Sentir, Saúde, Servir (1952-1974)** – Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros** – 7. ed. – São Paulo : Edições Loyola, 2012.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. – Tradução de Alessandra Ceregatti (et al.) – 1 ed. – São Paulo : Expressão Popular : SOF – Sempre Viva Organização Feminina, 2010. 208p.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **A política de cara nova (?): estudo acerca da atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB** – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1997.

MAGALHÃES, C.M e OLIVEIRA, M.L.L. **Paraíba: para onde o feminismo leva as mulheres?** In: Cadernos Feministas de Economia & Política: Feminismo no Nordeste. Recife: Casa da Mulher do Nordeste, n. 3, 2006, p. 52-79.

MELLO, Hildete Pereira de. SABBATO, Alberto Di. **Gênero e Trabalho Rural 1993/2006**. Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 2007.

MINETTI, A. *A mulher e o sufrágio*. In Leticia Bicalho Canêdo (Orgs.). **O Sufrágio universal e a invenção democrática** – São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

NUNES, Paulo Giovanni Antonino. **O Partido dos Trabalhadores e a política na Paraíba: construção e trajetória do partido no Estado (1980/2000)** – Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Lopes de. **Transformação das desigualdades de gênero?** Narrativas da vida cotidiana e empoderamento de mulheres de assentamentos do cariri paraibano. – Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

PAIVA, Eduardo França. *Renovação na historiografia e na sala de aula*. In: **História & imagem** – 2 ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006 (p. 11-34).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Práticas da memória feminina**. Revista Brasileira de História. – Vol. 9, nº 18 (p. 9-18) – São Paulo, 1989.

PINTO, Céli. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Céli. MORITZ, Maria Freitas. **A tímida presença da mulher na política brasileira:** eleições municipais em Porto Alegre (2008). Revista Brasileira de Ciência Política, nº 2. Brasília, julho-dezembro de 2009 (pp. 61-87).

RABAY, Glória Lourdes Freire de. *Movimentos de Mulheres na Paraíba: Conquistas e Desafios*. In: SALES, Celecina de Maria Veras Sales; ESMERALDO, Gema Gakgani Silveira Leite (Orgs.). **Feminismo, Memória e História**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

RABAY, Glória; CARVALHO, M. E. Pessoa de (Orgs.). **Mulher e Política na Paraíba:** história de vida e luta. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

RABAY, Glória; CARVALHO, M. **Participação das mulheres no Parlamento Brasileiro e Paraibano**. ORG & DEMO, Marília, v.12, n.1, p. 81-94, jan./jun., 2011.

RAGO, Margareth. *As Mulheres na Historiografia Brasileira*. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995. (p. 82, 83 e 85).

RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da Morte; Esperança de Vida:** a história das Ligas Camponesas na Paraíba – Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SILVA, Alômia Abrantes da Silva. **Paraíba, mulher-macho:** tessituras de gênero, (dessa)fiões da história (Paraíba, século XX) – Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Jomar Ricardo da. **A igreja na pós-modernidade:** CEBs, poder e cidadania. – João Pessoa : Editora Universitária da UFPB, 2010.

SILVA, Lucimeiry Batista da. SILVA, Walmir Rufino da. **Abordagens Feministas em Estudos Organizacionais e o Movimento de Mulheres na Paraíba.** Florianópolis / SC. 25 a 23 de maio de 2010.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres.* In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas.** – 4^a ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992 (p. 75).

_____. **Gênero: uma cartografia útil para a análise histórica**– Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa:1** : a árvore da liberdade. – Tradução de Denise Bottmann. – 6. Ed. – São Paulo : Paz e Terra, 2011.

_____. **Costumes em Comum** – Revisão técnica Antonio Negro, Cristina Menegello, Paulo Fontes. – São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

VALE, Eltern Campina. **Tecendo fios, fazendo história:** a atuação Operária na Cidade-Fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964) – Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo** – São Paulo : Claridade, 2011. 120 p. : il. – (Saber de tudo).

VENTURI, Gustavo. RECAMÁN, Marisol. OLIVEIRA, Suely (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços públicos privados** – 1. ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.